

DIPLOMUN ONLINE '26

CONSELHO DE REGÊNCIA RUSSO (1918) - GUIA DE ESTUDOS

INSTITUTO DIPLOMUN



INSTITUTO
Diplomun

*"...devoto todas as minhas
forças para manter, pelo
bem de toda a nação, o
princípio absoluto da
autocracia". - Nicolau II*

Prezados Delegados da DiploMUN Online 2026,

É com grande prazer que apresentamos a vocês os Guias de Estudo da DiploMUN Online 2026, materiais essenciais criados para apoiar sua preparação para os comitês e debates deste ano.

Estes guias foram cuidadosamente desenvolvidos para oferecer uma compreensão sólida dos temas, contextos históricos, principais atores, debates centrais e possíveis caminhos de discussão dentro de cada comitê. Mais do que simples materiais introdutórios, eles devem servir como uma base para sua pesquisa, ajudando vocês a chegarem à conferência com mais confiança, profundidade e consciência estratégica.

Ao longo destas páginas, vocês encontrarão o contexto necessário para compreender os desafios que enfrentarão como delegados, bem como perguntas e perspectivas importantes que devem orientar sua preparação. Recomendamos fortemente que leiam atentamente o guia de seu comitê, façam anotações, conduzam pesquisas adicionais e utilizem o material como ponto de partida para construir sua posição, seus argumentos e sua estratégia diplomática.

Os Guias de Estudo não têm a intenção de substituir a pesquisa independente, mas de abrir caminho para ela. Eles são o primeiro passo de vocês no universo do comitê — um espaço de negociação, pensamento crítico, cooperação internacional e tomada de decisões complexas.

Temos a honra de fazer parte da sua jornada diplomática e estamos animados para ver como cada um de vocês utilizará estes materiais para contribuir de forma significativa com os debates da DiploMUN Online 2026.

Atenciosamente,
Secretariado da DiploMUN Online 2026.

SUMÁRIO

Carta dos Diretores	9
Apresentação do comitê	14
Introdução	15
Linha do tempo e formação histórica da crise	16
A Rússia Imperial tardia e a erosão do regime Romanov.....	16
A Guerra Russo-Japonesa, o Domingo Sangrento e a criação da Duma	17
Surgimento dos soviets, bolcheviques e mencheviques	18
Participação na Grande Guerra.....	19
Revolução de Fevereiro e a Queda de Nicolau II	19
Revolução de Outubro e o Tratado de Brest-Litovsk.....	20
A Guerra Civil Russa	22
A Estrutura da Crise de 1918	23
A queda do czar que não resolve a questão do poder	23
A ampliação da guerra para além da capital e além da política.....	23
A centralidade da família imperial e da sucessão	24
O dilema da liderança	24

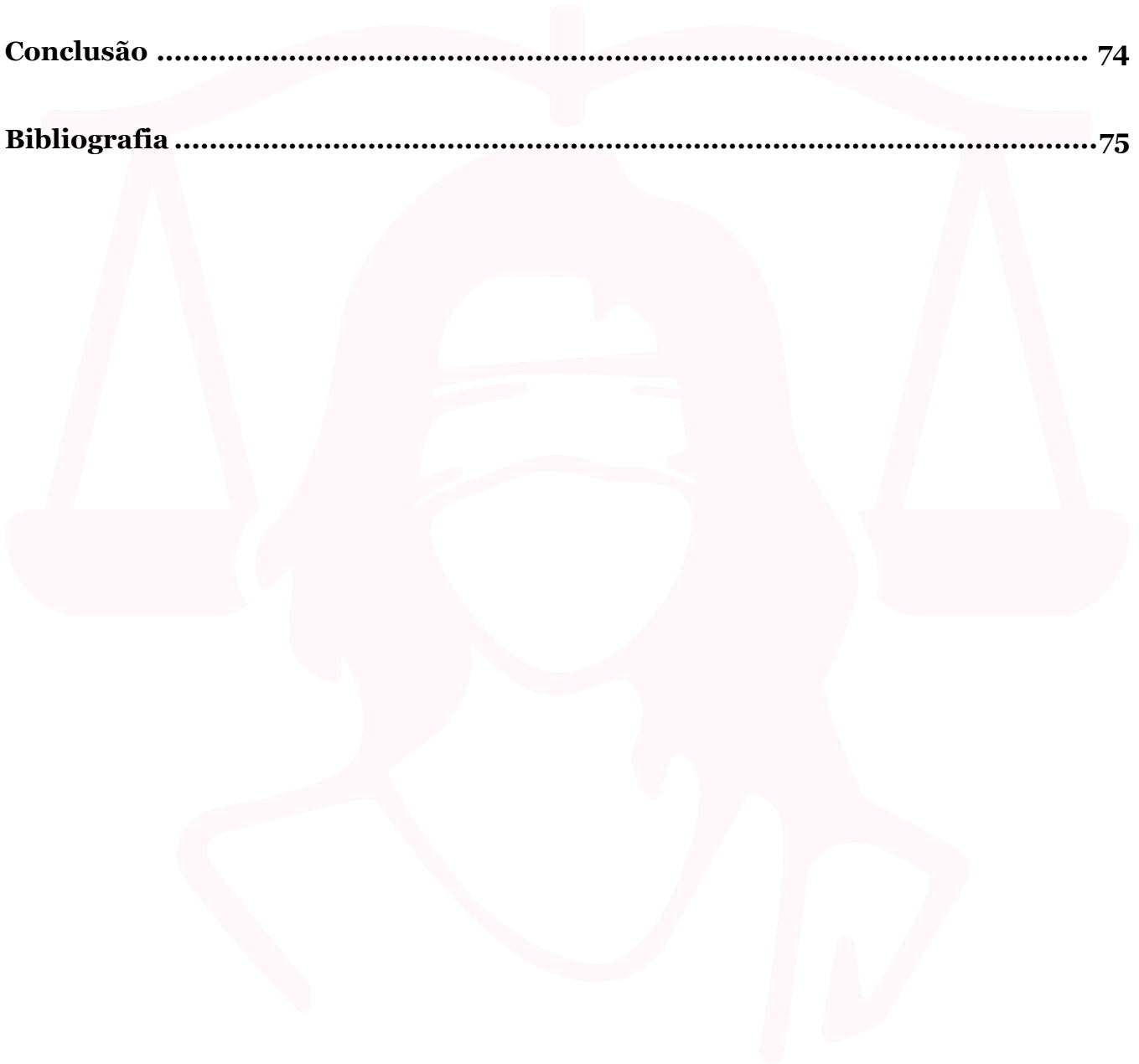
Principais Causas e Fatores de Intensificação da Crise.....	26
A guerra, a fome e o mal-estar social.....	26
A humilhação territorial e política de Brest-Litovsk.....	26
O papel dos militares e das elites antibolcheviques	27
A divisão interna entre restauração, pragmatismo e abandono da causa Romanov.....	27
O problema central	28
O Conselho de Regência Russo	28
Procedimentos do comitê.....	30
Documentos	30
As Crises	32
EXEMPLO DE NOTA DE CRISE:.....	33
Impactos Políticos, Sociais, Militares e Internacionais das Possíveis Respostas. 35	
O impacto interno de preservar a causa dinástica	35
Considerações sobre apoio internacional e reconstrução interna	35
O impacto sobre o futuro territorial e estatal da Rússia	36
O impacto sobre a própria estrutura de poder do campo antibolchevique.....	37
Marcos da ideologia e doutrina imperial	38

Legitimidade imperial às lentes de 1918	38
A restauração da monarquia: intocada ou reformulada?	39
O peso da memória do Império e do colapso recente.....	39
A Lógica da autoridade central e da disciplina	42
Soluções e Eixos de Ação: Quem vai governar a Rússia?.....	46
Preservação do poder sob regência da Monarquia	46
Monarquistas revolucionários	46
Anti-monarquistas	47
Representações	48
Aleksandr Mikhailovich Romanov (Grão-Duque da Rússia).....	48
Aleksandra Feodorovna Romanova (Ex-Imperatriz da Rússia)	48
Alexei Nikolaevich Romanov (Tsesarevich e Herdeiro do Trono Russo)	49
Anastasia Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)	49
Dmitri Pavlovich Romanov (Grão-Duque da Rússia).....	50
Kirill Vladimirovich Romanov (Grão-Duque da Rússia).....	50
Maria Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)	50
Mikhail Aleksandrovich Romanov (Grão-Duque da Rússia).....	51
Nikolai Aleksandrovich Romanov (Ex-Imperador da Rússia)	51

Nikolai Mikhailovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)	52
Nikolai Nikolaevich Romanov (Grão-Duque da Rússia e ex-Comandante Supremo do Exército Imperial Russo)	52
Olga Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)	53
Pavel Aleksandrovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)	53
Tatiana Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)	53
Aleksei Kaledin (Atamã dos Cossacos do Don)	54
Grigory Semyonov (Atamã cossaco da Transbaikal)	54
Mikhail Rodzianko (ex-Presidente da Duma Estatal)	55
Nikolai Markov (líder monarquista de direita e ex-Deputado da Duma Estatal)	56
Patriarkh Tikhon (Patriarca de Moscou e de Toda a Rússia)	56
Pyotr Krasnov (Atamã dos Cossacos do Don)	57
Sergei Sazonov (ex-Ministro das Relações Exteriores do Império Russo)	57
Vasily Shulgin (monarquista e ex-Deputado da Duma Estatal)	58
Viktor Chernov (Presidente da Assembleia Constituinte Russa)	58
Vladimir Purishkevich (monarquista e ex-Deputado da Duma Estatal)	59
Aleksandr Kerensky (ex-Ministro-Presidente do Governo Provisório Russo) .	59

Aleksandr Kolchak (Ministro da Guerra e da Marinha do Governo Provisório Pan-Russo).....	60
Alexander Guchkov (ex-Ministro da Guerra e da Marinha do Governo Provisório Russo).....	61
Boris Savinkov (dirigente antibolchevique e ex-Comissário do Governo Provisório).....	63
Georgii Lvov (ex-Ministro-Presidente do Governo Provisório Russo)	64
Nikolai Avksentiev (Presidente do Governo Provisório Pan-Russo)	65
Pavel Miliukov (ex-Ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório Russo).....	66
Pyotr Vologodsky (Presidente do Conselho de Ministros do Governo Provisório Pan-Russo).....	67
Vasily Boldyrev (Comandante Supremo das forças do Governo Provisório Pan-Russo).....	68
Anatoly Pepelyayev (General do Exército Branco).....	68
Anton Denikin (Comandante da Divisão de Infantaria do Exército Voluntário)	69
Lavr Kornilov (Comandante do Exército Voluntário).....	69
Mikhail Alekseyev (Chefe político do Exército Voluntário).....	70
Mikhail Diterikhs (General do Exército Branco)	70

Nikolai Yudenich (General do Exército Imperial Russo)	71
Yevgeny Miller (General do Exército Imperial Russo).....	71
Sugestões de Pesquisa Adicional	72
Conclusão	74
Bibliografia	75



Carta dos Diretores

Queridos delegados,

Estou muito animada para tê-los em mais uma edição da DiploMUN Online, dessa vez na Rússia em 1918! Meu nome é Manuella Freire, e quanto a sua mesa diretora eu espero garantir que vocês tirem o máximo de proveito dessa simulação através de uma enriquecedora e dinâmica experiência de crise histórica.

A Revolução Russa perdura como um dos acontecimentos mais decisivos do século XX, que provoca o surgimento da primeira nação socialista da história. Contudo, vocês têm livre-arbítrio para definirem o futuro do Kremlin, e esperamos que utilizem de todas as ferramentas e poderes que têm para alcançar o resultado que almejam.

Diferentemente de um comitê tradicional, vocês podem criar uma narrativa e colocá-la em prática nos bastidores, enquanto debatem a partir de uma política interna e externa pré-estabelecida e adotam uma postura diplomática. Nada é definitivo em comitês de crise; portanto, lutem até o último minuto, recalculando sua rota a cada momento, se necessário, e sejam firmes!

Nina, Victoria, Samuel, Daniel e eu estamos com altas expectativas para esse comitê, iremos fazer o possível para que seja uma experiência proveitosa para todos. Não hesitem em tirar dúvidas.

“Глаза боятся, а руки делают.” (Os olhos estão com medo, mas as mãos ainda estão em ação.)

Мануэлла Фрейре, Mesa Diretora do Conselho de Regência Russo.

Queridos delegados, me chamo Nina Hornos e estou muito honrada de compor a mesa diretora do Conselho de Regência Russo para mais uma edição da DiploMUN Online!

Minha experiência em simulações começou há um ano atrás, em debates na escola, até conhecer o Instituto Diplomun, que me abriu portas para simular em Harvard e conquistar uma premiação na Ivy League Model United Nations Conference, em um comitê histórico como esse! Meu coração tem espaços reservados para musicais da Disney, porém foi meu amor por história

e geopolítica que me trouxe para esse comitê, e espero construir a melhor experiência possível para cada delegado e junto com vocês!

Em nossas reuniões, nada será previsível ou certo, o futuro da Rússia estará nas mãos de cada um, e tudo pode acontecer. Qualquer desfecho da guerra civil deve ser construído, não seguido por um caminho já trilhado, e cada um deve impor seus interesses, consolidar sua influência e se assegurar de que a melhor solução seja alcançada, seja à vista de todos, seja por trás das cortinas.

Estou muito ansiosa para conhecer cada um no comitê, todos nós estamos trabalhando para criar a melhor experiência para cada um de vocês, então se tiverem qualquer dúvida ou questão, não hesitem em entrar em contato! Até 1918!

“Если я притворюсь, что это правда, это станет правдой. делайте все, что необходимо, и в конечном итоге это действительно станет правдой” (Se eu finjo que é verdade, vai virar verdade. Faça o que for preciso, e, no fim, vai virar verdade.) - Anastasia Romanov (Disney)

Нина Хорнос, Mesa Diretora do Conselho de Regência Russo.

Saudações, queridos companheiros!

É uma honra poder me transportar para a lendária Rússia de 1918 ao lado de vocês, meus queridos delegados. Ao longo dessa jornada histórica e eletrizante, serei a sua mesa diretora e me empenharei em lhes proporcionar a melhor experiência que vocês possam viver no caótico Império Russo e no mundo das simulações da ONU.

Antes de embarcarmos nesta viagem histórica, gostaria de me apresentar: meu nome é Samuel, mas provavelmente você vai me conhecer como Samu Zica durante os próximos dias de estudo e debate. Sou uma pessoa extremamente apaixonada por diplomacia e geopolítica... e essas paixões me levaram até as simulações da ONU. Minha experiência por esse universo começou há pouco mais de um ano e me proporcionou o privilégio de debater e de conquistar premiações nas maiores simulações do mundo: Harvard MUN e Ivy League MUN Conference.

Nos próximos dias vocês terão a honra de serem as maiores figuras históricas da Rússia do século passado e poderão ditar qual será o futuro dessa enorme nação. Para isso, esperamos que vocês não repitam a história ou o que já aconteceu, mas que tragam a originalidade que vai fazer esse comitê ser único (e o melhor da Diplo Online). Risquem e se arrisquem, errem e acertem, caiam e se levantem, mas nunca deixem de tentar e de se aventurar.

Estou muito ansioso para conhecer cada um de vocês e para poder fazer parte desse momento que estamos preparando com tanto carinho e dedicação. Que essa viagem para 1918 seja única e inesquecível para todos nós!

“Если ждать минуты, когда всё, решительно всё будет готово, никогда не придётя начинать.” (Se você esperar por aquele momento quando tudo estiver definitivamente certo, você nunca começará.) - Ivan Turgenev

Vejo vocês em breve, queridos companheiros!

Самуэль Зика, Mesa Diretora do Conselho de Regência Russo.

Caros delegados, ministros, monarcas e generais,

Como mesa diretora espero que estejam prontos para cumprir vosso papel de liderança e dar o contragolpe e assim tomar de volta as rédeas do Império Russo... ou não!?

Como todo comitê de crise, nada irá sair perfeito, e nem será feito para ser. Desafiem a se atentar às minúcias, detalhes escondidos, e principalmente, a elaborar soluções em meio a imprevisibilidade da Guerra Civil Russa e da iminente revolução bolchevique. Nesse comitê os senhores terão a liberdade para redefinir o futuro de um dos maiores impérios do mundo e de uma dinastia de mais de 300 anos.

Estamos com ótimas expectativas para os conhecer e acreditamos que haverá grandes debates. Mantenham-se ativos mandando mensagens no grupo, ou no privado se preferir, para esclarecer possíveis dúvidas, medos, reclamações, pedir dicas e tudo que possamos colaborar.

Até lá, faremos de tudo para que estejam confortáveis e prontos para nossa grande simulação, Boa sorte!

Ради жизни нации необходимо было восстановить волю к борьбе до последнего (Pela sobrevivência da nação, era necessário recuperar a vontade de lutar até o fim) - Aleksandr Kerensky

Даниэль Кунья, Mesa Diretora do Conselho de Regência Russo

Prezados delegados,

Meu nome é Victoria e terei o prazer de integrar a mesa diretora deste comitê. Estou extremamente animada para esta simulação, especialmente por se tratar do meu primeiro comitê de crise, uma experiência que sempre despertou meu interesse pela sua dinâmica mais intensa, estratégica e imprevisível. Tenho grande expectativa de acompanhar o desenvolvimento do debate e das decisões ao longo do comitê!

Minha trajetória em simulações inclui participação em conferências como a ILMUNC e a HMUN, onde tive a oportunidade de ser premiada, experiências que marcaram muito a forma como eu vejo os MUNS hoje. Foi nesses ambientes mais intensos e desafiadores que eu aprendi a realmente me envolver no debate, sair do básico e aproveitar o comitê ao máximo. Agora, na mesa, quero trazer um pouco disso para vocês: um espaço organizado e exigente, mas também dinâmico e interessante de verdade.

Quero muito que esse comitê seja ativo, cheio de debate, decisões difíceis e momentos que façam vocês pensarem “ok, isso ficou muito bom”. Ao mesmo tempo, não precisa ser só pressão, se joguem, testem ideias, entrem no personagem e aproveitem o processo. Estarei aqui para ajudar no que precisarem ao longo da simulação e, principalmente, curiosa para ver como cada um vai conduzir sua estratégia nesse cenário caótico.

“Красота спасет мир.” (A beleza salvará o mundo.) - Fiódor Dostoiévski

Com carinho,

Виктория Лана, Mesa Diretora do Conselho de Regência Russo

O Conselho de Regência Russo é diferente de todos os comitês já vistos por vocês: a partir do momento em que vocês entrarem em nossa sala no Zoom, terão nomes, interesses e mapas russos na cabeça. Assim, as alocações que receberam não lhe darão apenas um norte sobre o que vocês vão defender durante as sessões, mas também o que vocês terão que arquitetar, desenvolver e alcançar durante o comitê. Por isso, torna-se importante reiterar que o comitê será histórico e as crises acontecerão em tempo real. O Império Russo pode ter parado de existir na íntegra, internacionalmente não está muito claro, e institucionalmente mais ainda. Vocês irão ser agentes ativos de mudança e de uma transformação triunfal, ou não, do querido Kremlin. Assim, o destino dos Romanovs, dos bolcheviques e desse conselho depende inteiramente do que acontecer entre os dias 23 e 24 de maio de 2026, conhecido como julho de 1918 para os componentes deste comitê. Sejam criativos, destemidos e coerentes; esse comitê pode sair do óbvio, mas ainda e preciso levar em conta que a linha do tempo, urgência de sobrevivência, sucessão, força militar, cálculo internacional e colapso institucional terão peso tão importante quanto ideologia.

Apresentação do comitê

Bem-vindos ao ano de 1918!

No centro do Império Russo, em meio à guerra, à disputa de poder e ao caos, surge o Conselho de Regência Russo, um espaço físico e político, onde decisões tomadas irão impactar diretamente o futuro da maior nação do planeta. Cada documento escrito, cada discurso proferido e cada aliança firmada terá o poder de destruir ou de reconstruir o que sobrou desse grande império em ruínas.

Composto por membros da família real, agentes do governo provisório, militares e políticos, o Conselho de Regência é sediado com o objetivo de determinar uma autoridade legítima em um país fragilizado pela revolução. Para isso, cada membro tem o dever de levar ao Conselho os seus próprios interesses, trazendo à luz seus concernimentos individuais, e buscando soluções em conjunto com outros representantes para as crises que surgirão. O Conselho de Regência, portanto, apesar de abrigar interesses ocultos, corrupção, manipulação e acordos de conveniência, é uma ferramenta diplomática que deve ser utilizada com base no respeito e no decoro.

Esse comitê acontecerá no formato de crise, o que significa que os delegados não irão apenas debater a problemática central do comitê, mas também terão que lidar com crises inesperadas, tomadas de decisão em tempo real e reviravoltas repentinas. Essa dinâmica torna o debate ainda mais dinâmico e explosivo, requerendo de vocês reação, negociação e posicionamento robustos, os quais definirão a sobrevivência de um império em colapso, o futuro da sua população e o destino dos próprios membros do Conselho.

O tema central a ser debatido será: Trono sem Herdeiro: Guerra Civil, Revolução e o Fim dos Romanov. Vocês serão capazes de trazer paz à Rússia, ou irão apenas jogar mais pólvora ao fogo?

As decisões estão agora em suas mãos, companheiros! До свидания!

Introdução

Durante três longos séculos, a Rússia foi governada por uma linhagem única: a Dinastia Romanov. Essa dinastia foi responsável por fazer da Rússia um grande império respeitado em todo o mundo, consolidando seu poder político, militar e cultural. Sob governantes como “Pedro, o Grande” e “Catarina, a Grande”, o país passou por intensos processos de modernização e expansão, aproximando-se das grandes potências europeias e conquistando prestígio no cenário internacional até o final do século XIX. Entretanto, apesar do legado de poder e prestígio, no início do século XX, a situação interna do Império Russo começou a se deteriorar, juntamente com a imagem da família imperial, liderada por Nicolau II. Rapidamente, a Rússia foi se tornando uma nação ineficiente, desigual e dominada por políticas públicas ultrapassadas. Enquanto o restante da Europa vivia um tempo de inovação tecnológica e crescimento econômico, o Império ainda estava preso ao passado e não se adaptava às novas necessidades acompanhadas pela chegada do século recente.

Com a crescente insatisfação popular, catalisada pela participação da Rússia na Grande Guerra, eclodiram-se diversas revoluções. Os eventos abriram caminho para a deposição de Nicolau II do poder, dando fim ao regime czarista na Rússia e tirando-lhe o título de imperador. A deposição do Czar abriu espaço para uma intensa disputa pelo poder, que rapidamente evoluiu para a Guerra Civil Russa, travada entre dois exércitos: o Exército Vermelho, liderado por revolucionários comunistas, e o Exército Branco, formado por forças a favor da manutenção do antigo regime.

É nesse contexto de instabilidade, conflito e redefinição do futuro da Rússia que este comitê se encontra: na cidade de Petrogrado, antiga capital russa, na data de 10 de julho de 1918.

Como delegado desse comitê, seu dever é assumir responsabilidade como uma figura histórica russa em 1918 - membro da família real, agente do governo provisório, militar ou político - e usar suas ferramentas para fazer e mudar história. O futuro da Rússia agora depende das suas escolhas.

Linha do tempo e formação histórica da crise

A Rússia Imperial tardia e a erosão do regime Romanov

A crise do regime czarista no início do século XX tem raízes profundas na própria estrutura da Rússia Imperial tardia. Diferentemente das principais potências europeias, o Império Russo manteve, até seus últimos anos, características atrasadas marcantes: uma economia predominantemente agrária, uma industrialização tardia e concentrada em poucos centros urbanos, e um sistema político absolutista, no qual o poder permanecia centralizado nas mãos do czar, especialmente sob Nicolau II. Essa combinação limitava a capacidade do Estado de responder às transformações sociais e econômicas que já redefiniam o restante da Europa.

Além disso, a estrutura social russa ainda carregava traços de um passado quase feudal. Mesmo após a abolição da servidão em 1861, milhões de camponeses continuaram vivendo em condições precárias, presos a ciclos de endividamento, baixa produtividade e insegurança alimentar. A fome era recorrente em diversas regiões do império, enquanto a pobreza extrema atingia grande parte da população rural. Nas cidades, o crescimento industrial desorganizado gerou uma classe operária submetida a longas jornadas de trabalho, baixos salários e condições insalubres, intensificando o descontentamento social.

Esse cenário contrastava fortemente com o momento vivido por outras nações europeias durante a chamada *Belle Époque* (Bela Época), marcada por avanços tecnológicos, expansão econômica e relativa estabilidade política. Enquanto países como França, Reino Unido e Alemanha modernizavam suas economias e ampliavam suas instituições políticas, a Rússia permanecia rigidamente presa a estruturas ultrapassadas. Essa defasagem não apenas evidenciava o atraso russo, mas também alimentava a percepção de incompetência do regime perante sua própria população.

Como consequência, a imagem da Dinastia Romanov começou a se desgastar de forma acelerada. A incapacidade do governo de implementar reformas efetivas, somada à repressão de movimentos populares e à distância entre a elite governante e a realidade da população, contribuiu para a erosão da legitimidade do czarismo. Assim, ao entrar no século XX, o Império Russo já se encontrava fragilizado, sustentado por estruturas políticas e sociais que se tornavam cada vez mais insustentáveis diante das pressões internas e externas.

A Guerra Russo-Japonesa, o Domingo Sangrento e a criação da Duma

A crise do regime czarista se intensificou no decorrer do início do século com a tentativa de Nicolau II de reforçar sua autoridade e popularidade por meio de uma política externa agressiva. Nesse contexto, a Rússia entrou em conflito com o Japão na Guerra Russo-Japonesa, disputando o controle de territórios estratégicos no leste asiático, como a Manchúria e a Coreia. A expectativa do governo russo era de uma vitória rápida, que fortaleceria o prestígio do czar e unificaria a população em torno do regime.

Entretanto, o resultado foi exatamente o oposto. A Rússia sofreu uma derrota expressiva para o Japão, um fato tido como particularmente humilhante, já que o Japão era considerado uma nação fraca e inferior às grandes nações europeias. A derrota expôs a fragilidade militar, logística e administrativa do Império Russo, aprofundando o descontentamento popular. A crise econômica se agravou, e manifestações começaram a surgir em diferentes partes do país, denunciando tanto as condições de vida quanto a incapacidade do governo de melhorá-las.

Esse clima de tensão culminou no episódio conhecido como Domingo Sangrento, em janeiro de 1905. Na ocasião, milhares de trabalhadores marcharam pacificamente até o Palácio de Inverno, residência do czar, em São Petersburgo (antigo nome da capital Petrogrado). O objetivo era entregar uma petição ao czar, reivindicando melhores condições de vida, reformas políticas e maior participação popular. A manifestação, no entanto, foi recebida com violência pelas tropas imperiais, que abriram fogo contra a multidão desarmada, resultando na morte de milhares de manifestantes.

O massacre promoveu mais um impacto devastador sobre a imagem do czar. Nicolau II, que até então ainda era visto por parte da população como uma figura paterna, passou a ser associado à repressão e à violência estatal de forma generalizada, mesmo que a ordem do massacre não estivesse confirmada de ter vindo diretamente do imperador. A confiança no regime foi abalada mais uma vez, e o episódio desencadeou uma onda de greves generalizadas, revoltas e motins em todo o Império Russo, configurando o que ficou conhecido como a Revolução de 1905.

Como resposta à pressão popular, o czar implementou algumas reformas políticas. Dentre elas, destacou-se a criação de um parlamento em agosto de 1905, nomeado Duma. Acompanhando essa medida, foi promulgada uma constituição que estabelecia certas garantias civis e prometia

uma maior participação política dos cidadãos. No entanto, na prática, o poder da Duma era extremamente restrito, já que o czar mantinha autoridade para dissolvê-la e vetar suas decisões, preservando o caráter autocrático e absolutista do regime.

Apesar das poucas concessões feitas pelo governo, a repressão continuou sendo uma ferramenta administrativa central. Movimentos revolucionários foram duramente contidos, e a própria Duma foi dissolvida duas vezes quando contrariou os interesses do czar. Assim, as reformas implementadas após 1905 mostraram-se insuficientes para resolver as tensões estruturais do império, apenas intensificando a crise já existente.

Surgimento dos soviets, bolcheviques e mencheviques

Como consequência, o enfraquecimento do regime czarista, especialmente após os eventos da Revolução de 1905, abriu espaço para o surgimento de novas formas de organização política que desafiavam diretamente a autoridade do Estado. Nesse contexto, emergiram os soviets, conselhos regionais formados por trabalhadores, camponeses e soldados, que funcionavam como espécies de sindicatos. Criados como instrumentos de coordenação de greves e protestos, os soviets rapidamente se consolidaram como centros de poder alternativo, representando interesses populares regionalmente de forma mais direta do que as instituições oficiais do regime.

Paralelamente, ganhava força o movimento socialista organizado, especialmente por meio do ilegal Partido Operário Social-Democrata Russo. Inspirado nas ideias marxistas, o partido defendia a superação do absolutismo czarista e a construção de uma nova ordem política baseada na representação da classe trabalhadora. No entanto, divergências internas quanto à estratégia revolucionária levaram à divisão do partido em duas chapas: os bolcheviques e os mencheviques.

Os bolcheviques (representando a maioria do partido), defendiam a necessidade de uma revolução imediata, conduzida por um partido centralizado e disciplinado, capaz de tomar o poder do Império em nome do proletariado. Em contrapartida, os mencheviques (representando a minoria do partido) defendiam uma transição mais gradual, com a ampliação da participação política e o fortalecimento de instituições representativas antes da implementação do socialismo. Essa divergência refletia diferentes leituras sobre a realidade russa e sobre os caminhos possíveis para substituir o regime czarista. Assim, tanto os soviets quanto as divisões dentro do movimento social-democrata catalisaram a crise já existente do regime.

Participação na Grande Guerra

Em 1914, a Rússia anunciou sua entrada na Grande Guerra. Sob a liderança de Nicolau II, o Estado demonstrou profunda incapacidade de organizar o esforço de guerra, marcado pela falta de alimentos, uniformes adequados e armamentos suficientes para os soldados, muitos dos quais eram enviados ao front de guerra sem equipamentos e armamentos básicos. Essa precariedade evidenciava não apenas falhas logísticas, mas também a fragilidade estrutural do governo.

Nos campos de guerra, as derrotas sucessivas e o alto número de mortos ampliaram o descontentamento entre militares e civis. Enquanto isso, nas cidades, a população enfrentava a fome, a inflação crescente e a deterioração das condições de vida. A incapacidade do governo de atender às necessidades mais básicas da população reforçou a percepção de abandono por parte dos civis, aprofundando o distanciamento entre o povo e a família imperial.

Revolução de Fevereiro e a Queda de Nicolau II

A crise acumulada ao longo do século XX atingiu seu ponto de ruptura em 1917, com a eclosão da Revolução de Fevereiro. O movimento teve início na capital Petrogrado, impulsionado por greves operárias, protestos contra a escassez de alimentos e manifestações populares lideradas, em grande parte, por mulheres trabalhadoras. Em poucos dias, a mobilização ganhou proporções massivas, com a adesão de diferentes setores da sociedade, incluindo soldados enviados para reprimir os protestos, que passaram a se recusar a obedecer a ordens do czar e, em muitos casos, juntaram-se aos manifestantes.

Diante do colapso da autoridade estatal e da perda de apoio militar, Nicolau II foi forçado a abdicar de seu trono em março de 1917. Sua renúncia marcou o fim de mais de três séculos de domínio da Dinastia Romanov sobre a Rússia e representou um colapso do regime czarista no Império. Com a renúncia, a família real foi exilada na cidade de Tobolsk com o pretexto de permanecerem seguros em meio à revolução e à efervescência política em Petrogrado. Meses depois, a residência de exílio da família passaria a ser a cidade de Ecatemburgo.

Com o vazio de poder, formou-se um novo arranjo político liderado por membros da Duma: o chamado Governo Provisório. Composto majoritariamente por liberais e moderados, esse governo tinha como objetivo estabilizar o país, organizar eleições e conduzir a transição política para um regime mais representativo. Paralelamente, os soviets continuavam a exercer forte

influência política sobre o povo, criando uma situação de “duplo poder informal” na Rússia, no qual diferentes autoridades disputavam legitimidade política no país.

Apesar das altas expectativas iniciais, o Governo Provisório enfrentou enormes desafios desde o início. O parlamento decidiu manter a Rússia na Grande Guerra, e foi incapaz de resolver problemas estruturais a curto prazo, como a fome e a desigualdade extremas, enfraquecendo sua autoridade e confiabilidade pública ainda no princípio de seu mandato. Assim, a Revolução de Fevereiro não representou o fim da crise russa, mas apenas o início da fase mais crítica que abriria caminho para transformações ainda mais profundas até 1918.

Revolução de Outubro e o Tratado de Brest-Litovsk

No auge da crise do Império, a instabilidade do Governo Provisório atingiu um novo patamar com a tentativa de golpe liderada pelo oficial Lavr Kornilov, em 1917. Kornilov, então comandante do exército e ligado ao próprio governo, buscou instaurar uma ditadura militar com o objetivo de restaurar a ordem e conter o avanço revolucionário. No entanto, sua ação acabou produzindo o efeito contrário: ao ameaçar o próprio Governo Provisório, o oficial expôs ainda mais sua fragilidade e desorganização, aprofundando a crise política.

A tentativa de golpe acabou por deslegitimar ainda mais a autoridade da Duma e intensificou as tensões com os soviets. Para conter Kornilov, o governo precisou recorrer aos grupos revolucionários, armando trabalhadores e fortalecendo organizações que, em pouco tempo, se voltariam contra o próprio governo. Esse episódio contribuiu decisivamente para o aumento da influência dos bolcheviques, que passaram a ser vistos como defensores da revolução frente às ameaças contrarrevolucionárias.

Nesse contexto de crise e perda de legitimidade, os bolcheviques, liderados por Vladimir Lenin, ganharam força política e apoio popular, conquistando maioria em importantes soviets, especialmente em Petrogrado. A promessa de retirar a Rússia da guerra e resolver problemas sociais urgentes ampliou ainda mais sua base de apoio entre trabalhadores, soldados e camponeses.

Em outubro de 1917, os bolcheviques colocaram em prática sua estratégia de tomada do poder, que ficou conhecida como Revolução de Outubro. De forma organizada e relativamente rápida, forças revolucionárias ocuparam pontos estratégicos da capital, incluindo prédios

governamentais, estações ferroviárias e centros de comunicação. O episódio mais simbólico foi a tomada do Palácio de Inverno, sede do Governo Provisório, marcando o colapso definitivo dessa administração.

Com a queda do Governo Provisório, os bolcheviques assumiram o controle do Estado e proclamaram a criação da República Socialista Soviética da Rússia. O novo governo iniciou uma série de transformações políticas e econômicas, buscando consolidar o poder soviético e reorganizar a sociedade sob princípios socialistas. Nesse processo, também ocorreu a transferência da capital da cidade de Petrogrado para Moscou, considerada mais segura e estratégica diante das ameaças internas e externas que a nação enfrentava.

Uma das principais medidas do novo governo foi a retirada da Rússia da Grande Guerra. Para isso, foi assinado o Tratado de Brest-Litovsk, em março de 1918, entre a Rússia e as potências centrais da guerra, especialmente a Alemanha. O acordo colocou fim à participação russa no conflito, atendendo a uma das principais reivindicações da população.

Entretanto, a saída da guerra teve um custo extremamente elevado para a nação. Pelo tratado, a Rússia foi obrigada a ceder vastos territórios, incluindo regiões economicamente importantes e densamente povoadas. Essas perdas territoriais representaram uma significativa redução do poder econômico e estratégico do país, gerando críticas até mesmo entre setores revolucionários que viam o acordo como uma concessão excessiva. Abaixo é possível observar as terras cedidas para as potências centrais mediante a assinatura do tratado:



Apesar das controvérsias, o Tratado de Brest-Litovsk permitiu aos bolcheviques consolidar seu poder internamente, ao retirar o país de um conflito que agravava a crise social e econômica. Ainda assim, a combinação de perdas territoriais, tensões políticas e oposição interna contribuiu para o aprofundamento dos conflitos que levariam à Guerra Civil Russa, marcando o início de uma nova e violenta fase na história da Rússia.

A Guerra Civil Russa

Diante desse cenário, múltiplos grupos começaram a se organizar para defender seus próprios interesses: nobres que desejavam restaurar a monarquia, militares insatisfeitos, camponeses afetados por políticas agrárias e setores políticos moderados contrários ao radicalismo bolchevique. Apesar de suas diferenças, esses grupos encontraram um ponto em comum na oposição ao novo regime.

Gradualmente, essas forças se consolidaram em dois grandes blocos rivais: o Exército Branco, uma coalizão heterogênea de forças contrarrevolucionárias, e o Exército Vermelho, liderado pelos bolcheviques e comprometido com a manutenção do novo governo. O confronto entre esses dois lados marcou o início da Guerra Civil Russa, em maio de 1918, caracterizada por extrema violência, instabilidade e disputas territoriais.

A Estrutura da Crise de 1918

A queda do czar que não resolve a questão do poder

A abdicação de Nicolau Romanov II encerra formalmente o regime czarista e representa um ponto de ruptura decisivo na história russa, mas o seu impacto vai além da substituição de uma autoridade. Durante 300 anos, o sistema imperial estruturou-se em torno de uma figura central – o czar – cuja legitimidade derivava da tradição, religião e controle militar estatal. Assim, quando há um rompimento nesse sistema, não há estrutura institucional preparada para substituí-lo automaticamente. A transição de poder não é organizada, mas atordoada e repleta de dúvidas, especialmente entre os membros da aristocracia russa, os membros deste comitê. Portanto, o que emerge é um vácuo de poder. Distintos grupos passam a reivindicar autoridade, sem que haja os devidos critérios, mas nenhum sucede. Nesse cenário de calamidade institucional e econômica, a faceta política tem uma gigantesca fissura e a legitimidade passa a ser disputada.

Desse modo, o problema não é apenas sobre a sucessão do trono, mas sobre a capacidade russa de continuar funcionando como um Estado funcional. A ausência de um líder central e legítimo compromete a coordenação política interna e externa, enfraquece a capacidade administrativa, ameaça a estabilidade, prosperidade do povo russo enquanto permite núcleos rebeldes. Assim, a queda do último Romanov não resolve a crise, mas sim a redefine. Afinal, a questão deixa de ser quem está no comando da Rússia, mas sim se ela ainda pode ser governada.

A ampliação da guerra para além da capital e além da política

A princípio, a crise estava concentrada nos círculos políticos de Petrogrado, mas rapidamente ultrapassou os limites da capital, e a sua expansão é fundamental para entender a sua intensificação. Concomitantemente que a força autocrática enfraquece, distintos grupos revolucionários se mobilizam. A camada militar enfrenta divisões internas – pois não tem a quem responder –; os camponeses demandam terras e os operários (trabalhadores urbanos) se alinham politicamente enquanto os nobres tentam preservar a sua influência. A Rússia não funcionava como uma unidade, e regiões periféricas começaram a fomentar alternativas como a separação. Essa expansão muda drasticamente o cenário, e a crise torna-se política, social e militar, não apenas territorial. Desse modo, a faceta mais crítica nesse cenário é a sobreposição

de estabilidades. Desorganização militar e econômica atrelada a tensões regionais e identitárias passa a cobrar respostas imediatas do Estado - que não responde a uma autoridade específica ou definida. A fragilidade institucional alimenta, cada vez mais, formas de desagregação. O contágio político torna-se um dos grandes inimigos da estabilidade russa e a centralização de poder e influência torna-se objeto de desejo mais disputado do império, apenas perdendo para as terras.

A centralidade da família imperial e da sucessão

Mesmo após a deposição de Nicolau, a família real permanece nos holofotes do cenário político; não pela autoridade, mas pelo símbolo imperial. Em um contexto de incertezas, ser um Romanov carrega um peso e perigo político como nenhum outro. Para grupos diferentes, a importância da família que reinou a Rússia durante séculos apresenta possibilidades distintas. Enquanto os monarquistas consideram a restauração da antiga ordem política, figuras mais pragmáticas podem pensar na família real como instrumento de negociação ou estabilização simbólica. Mas, para forças revolucionárias, a permanência dos Romanovs, em vida ou na Rússia, representa um risco e opção viva ao novo governo emergente.

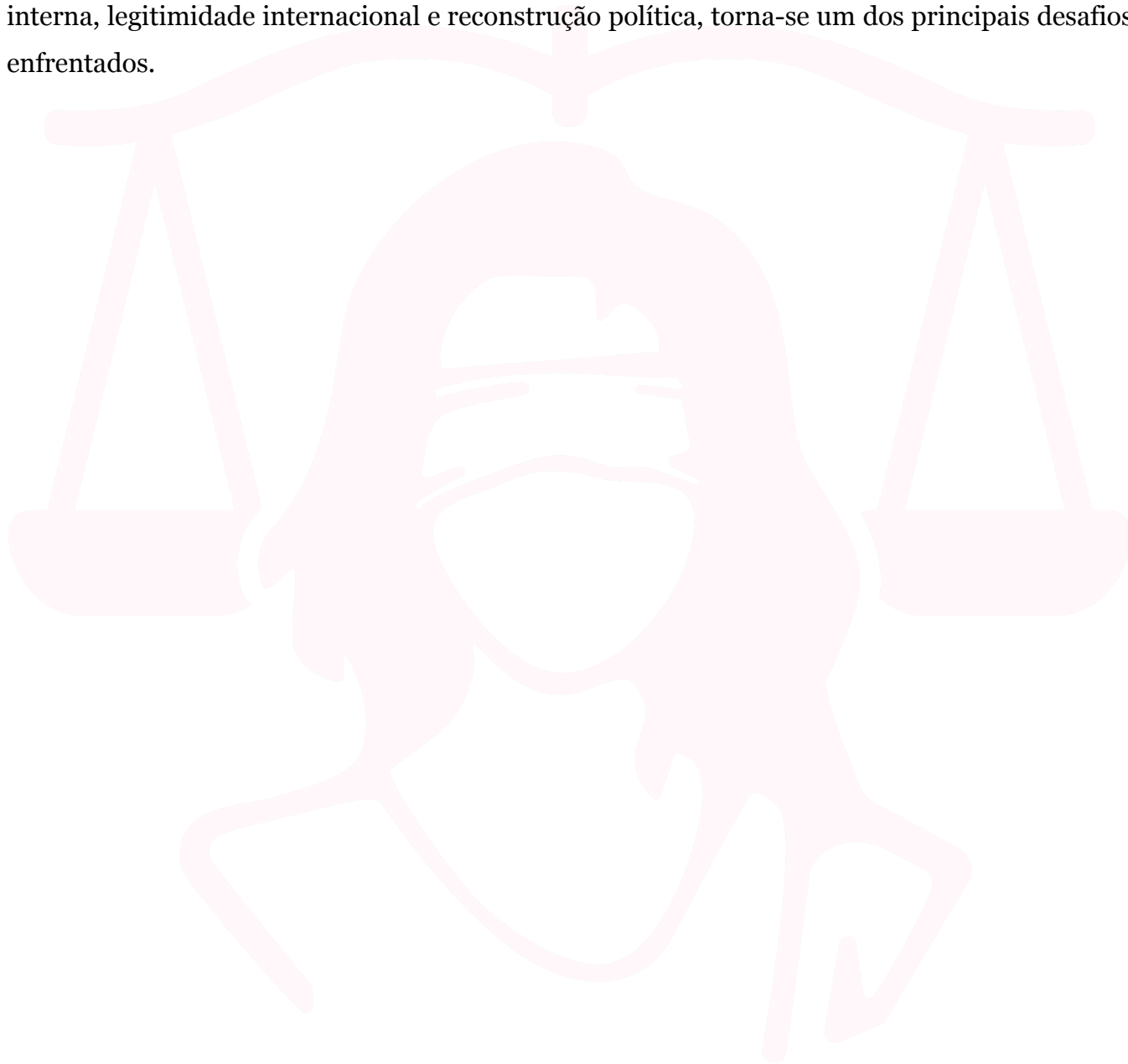
Essa pluralidade ideológica transforma a questão imperial em um problema político a ser discutido perante o Conselho de Regência. A sua presença influencia decisões, alianças externas e internas. Entretanto, o cenário de fragilidade constitucional extrema dificulta a tentativa de administração controlada, pois esse elemento precisa ser decidido por um Estado que não possui gestor com autoridade suficiente. Assim, os Romanovs são um fator ativo na dinâmica da crise.

O dilema da liderança

Nesse contexto, as alianças políticas são forçadas a operar em um ambiente de alto risco, no qual cada escolha implica cursos e efeitos imprevisíveis. A negociação com forças revolucionárias e adversárias pode surgir como alternativa para redução de danos, mas também pode parecer o início de uma rendição perante a revolução, comprometendo a autoridade das lideranças. Mas, na mesma medida em que a insistência em modelos anteriores pode oferecer um eixo de legitimidade, a ignorância de transformações sociais consolidadas pode acarretar resultados indesejáveis.

A possibilidade do abandono da dinastia pode abrir espaço para alianças mais abrangentes e com estratégias expansionistas, mas elimina símbolos ainda capazes de estruturar

alguma forma de continuidade política. Entretanto, a indecisão torna-se um fator relevante, pois em um contexto de instabilidade, a ausência de um posicionamento claro aprofunda a percepção de desorganização e incapacidade de liderança. Nesse sentido, a crise não é apenas estrutural, mas também deriva da dificuldade de implementar e criar estratégias coerentes, não apenas militares e econômicas, mas institucionais. A definição de prioridades, entre estabilidade interna, legitimidade internacional e reconstrução política, torna-se um dos principais desafios enfrentados.



Principais Causas e Fatores de Intensificação da Crise

A guerra, a fome e o mal-estar social

Além dos fatores previamente citados, a Primeira Guerra Mundial também desempenha um papel central no agravamento da crise como fator ativo de desestabilização. Pois, o esforço de estar em uma guerra pressiona a economia e intensifica a escassez de recursos, que já não eram devidamente distribuídos. A fome passa a assolar a população civil em várias regiões enquanto o desgaste das forças armadas – negligenciadas pela família imperial perante o conflito mundial – se manifesta através da desmoralização e indisciplina. Esse cenário impacta profundamente a percepção popular em relação às lideranças políticas. Pois a irresponsabilidade, incapacidade e clara negligência de responder a necessidades básicas fomentam a redução da confiança civil em qualquer projeto e iniciativa governamental, independentemente de sua orientação ideológica. Assim, nesse contexto a legitimidade política depende cada vez mais da capacidade do possível líder de lidar com problemas urgentes. Iniciativas que não oferecem respostas imediatas tornam-se inválidas perante tanta instabilidade, o que contribui para a volatilidade política.

A humilhação territorial e política de Brest-Litovsk

O Tratado de Brest-Litovsk, assinado por líderes bolcheviques, permitiu a saída russa da guerra em troca de uma gama de territórios, como a Ucrânia, Polônia e Estados Bálticos e 34% de sua população. Esse acordo evidencia a fragilidade do Estado russo no cenário internacional, pois a perda de territórios representa um golpe simbólico significativo – e também uma tentativa revolucionária de atuar como autoridade legítima no contexto internacional. A percepção de que a Rússia está sendo mutilada externamente enquanto implode por dentro reforça sentimentos de humilhação, ressentimento nacional, radicalização política e busca desesperada de restauração de autoridade. A questão territorial passa a ocupar um lugar de extrema importância no debate político, pois enquanto ela se sobrepõe a outros fatores em certos casos, ela pode ser vista como uma estratégia de poder em outros. Mas, torna-se importante considerar durante o debate se o ressentimento nacional, desintegração russa é uma moeda de troca adequada e viável para um Estado sem autoridade.

O papel dos militares e das elites antibolcheviques

Os Generais, oficiais, administradores e monarquistas desempenham um papel central na tentativa de reorganizar o poder, mas a sua atuação torna-se politicamente limitada ao ser marcada por diferenças internas significativas. As forças armadas possuem capacidade de controle e conquista territorial, e capacidade de ação direta reativa, mas a falta de coordenação entre essa massa limita a eficácia dessa atuação. A possibilidade de as forças militares transformarem a nostalgia imperial em projeto político — ou de descartarem a dinastia em nome de eficiência contrarrevolucionária — é um risco que pode dividir a elite. Pois, para além disso, a nobreza apresenta visões distintas sobre o caminho que a Rússia deve seguir. O que dificulta a construção de um governo estável comum. A combinação desses fatores e a fragilidade do Exército Branco fazem com que esses agentes sejam essenciais e insuficientes para acabar com o estado de calamidade russo.

A divisão interna entre restauração, pragmatismo e abandono da causa Romanov

Enquanto algumas lideranças defendem a restauração da monarquia como ameaça de recuperar a legitimidade e integridade russa, outras defendem que a reconstrução do Estado deve ser feita sob novas bases, e outras que focam apenas na derrota militar dos bolcheviques; esquecendo que a crise é estrutural e política. A pluralidade de posições dificulta a criação de estratégias coerentes, transmite uma imagem de desorganização e reduz a eficiência e adesão civil nas ações. Como resultado, o campo antibolchevique frequentemente reage aos acontecimentos em vez de conduzi-los, o que contribui para o prolongamento da crise.

O problema central

Pode-se observar que o fim do Czarismo não foi acompanhado pela consolidação imediata de uma nova ordem política, mas pela abertura de um espaço para uma disputa prolongada entre diferentes ideias de poder. A ausência de meios capazes de mediar essa transição fez com que inúmeros atores tentassem ocupar o vazio de poder ao mesmo tempo, mas, sem nenhum sucesso, apenas aumentou a instabilização sistêmica. Esse cenário gera um ambiente no qual a instabilidade se torna permanente – pois mesmo que haja demanda de ordem, não há consenso para alcançá-la. As condições necessárias para restituir a ordem russa, como legitimidade política, coordenação administrativa e controle territorial, estão em constante degradação. O resultado é o processo que a transforma em uma crise estrutural.

O Conselho de Regência Russo

É nesse contexto que se dá o Conselho de Regência Russo, articulado por Alexander Kerensky como uma última tentativa de reorganizar o poder político diante do colapso institucional provocado pela revolução e pela guerra civil. O objetivo central do Conselho é estabelecer uma autoridade legítima capaz de coordenar forças, conter o avanço bolchevique e redefinir os rumos do Estado russo em meio ao caos.

A antiga família imperial, liderada por Nicolau II, foi transferida de Ecatimburgo para Petrogrado na madrugada entre os dias 9 e 10 de julho de 1918. A operação, conduzida de forma sigilosa por remanescentes da antiga guarda imperial, tinha como objetivo reposicionar os Romanov como possível eixo de legitimidade política, ainda que simbólico, em um momento de profunda fragmentação do poder.

Ao chegarem à cidade, os Romanov foram levados ao Palácio de Tauride, antigo centro político do Governo Provisório. Ali, reuniram-se com membros da elite política e militar, incluindo antigos ministros, oficiais e figuras influentes, para discutirem alternativas concretas de reorganização do governo. Esse encontro deu origem ao Conselho de Regência, concebido como uma instância emergencial de decisão, capaz de atuar rapidamente frente às ameaças internas e externas.

As reuniões do Conselho foram planejadas para ocorrerem de forma estritamente clandestina, longe do conhecimento das autoridades bolcheviques. Operando nas sombras, seus membros

enfrentam um cenário de extrema incerteza: enquanto tentam reconstruir uma base de poder, precisam lidar com a expansão da Guerra Civil Russa, a disputa entre o Exército Vermelho e o Exército Branco e a crescente fragmentação territorial do país.

O comitê dá início na primeira reunião do Conselho. O que será discutido, quais decisões serão tomadas, quais crises abalarão planos ambiciosos? Somente vocês, delegados, darão a resposta definitiva que vai salvar ou destruir o que restou do Império Russo.



Procedimentos do comitê

Este comitê será conduzido no formato de crise, o que significa que a participação dos delegados vai além do debate tradicional: vocês estarão inseridos em um ambiente dinâmico, no qual eventos inesperados exigirão decisões rápidas, estratégicas e sob pressão. Ao longo das sessões, o cenário do comitê pode se transformar repentina e profundamente, exigindo reação, negociação e posicionamento robustos.

Para organizar essa dinâmica, o funcionamento do comitê é dividido em duas frentes complementares entre si: o *frontroom* e o *backroom*.

O *frontroom* corresponde ao espaço público do comitê, onde ocorrem os debates formais, realizações de discursos, negociações abertas, elaboração coletiva de documentos e votações.

Já o *backroom* representa o espaço individual e estratégico, no qual cada delegado atua de forma mais reservada, enviando ações à mesa por meio de notas de crise para desenvolver seus próprios objetivos, alianças e planos paralelos.

Enquanto o *frontroom* molda o rumo visível do comitê, o *backroom* influencia os seus bastidores, sendo igualmente decisivo para o acontecimento de crises e o desfecho dos acontecimentos.

Documentos

Ao longo do comitê, vocês irão produzir quatro tipos principais de documentos. Dois deles são elaborados durante a pré-conferência — o Documento de Posicionamento Oficial (DPO) e o Arco de Crise — enquanto os outros dois são produzidos durante as sessões — as Diretivas e as Notas de Crise. Cada um desses instrumentos possui uma função específica e complementar, sendo essenciais para a construção da atuação do delegado tanto no *frontroom* quanto no *backroom*.

Documento de Posicionamento Oficial (DPO): O DPO é um documento diplomático cujo objetivo é apresentar, de forma clara e estruturada, o posicionamento do seu personagem em relação ao tema do comitê. Ele serve como base da sua atuação no *frontroom*, orientando seus discursos, alianças e propostas. O documento deve conter um cabeçalho com: nome do comitê, tópico, representação e nome do delegado. Sua estrutura é composta por três parágrafos:

- O primeiro parágrafo (introdução) contextualiza o tema, apresenta sua relevância e indica o posicionamento geral do personagem.
- O segundo parágrafo (desenvolvimento) aprofunda a análise, trazendo a visão do personagem, seus interesses e possíveis relações políticas.
- O terceiro parágrafo (conclusão) apresenta propostas e direções de ação que o personagem pretende defender ao longo do comitê.

Arco de Crise: O arco de crise é o principal documento estratégico do delegado no *backroom*. Diferentemente do DPO, ele não é diplomático: ele revela as reais intenções de seu personagem, objetivos ocultos e planos de ação. Aqui, o delegado deve pensar de forma estratégica: o que seu personagem realmente quer? Como ele pretende alcançar isso? Quais riscos você está disposto a correr?

Um elemento central do arco de crise é a escolha de dois contatos externos ao Conselho de regência Russo. Esses contatos representam figuras, grupos ou instituições com os quais seu personagem pode se comunicar ao longo do comitê por meio das notas de crise. A escolha deve ser estratégica, pois esses contatos serão suas principais ferramentas de ação indireta. Por exemplo, um delegado pode escolher um general para apoio militar ou um líder político para articulação institucional. Esses contatos ampliam significativamente seu poder de influência, mas só serão eficazes se bem utilizados dentro de uma estratégia coerente.

**O Arco de Crise deve ter até uma página, seguir a mesma formatação do DPO e ser enviado juntamente com ele.*

Diretivas: As Diretivas são os principais documentos utilizados no *frontroom* durante o comitê. Elas são escritas de forma coletiva pelos delegados com o objetivo de responder às crises apresentadas pela mesa diretora. São documentos curtos, objetivos e estruturados em cláusulas operacionais, que descrevem ações concretas (por exemplo: mobilização de tropas, distribuição de recursos, decisões políticas). Para serem consideradas, as diretivas precisam de signatários e aprovação da mesa. Toda diretiva passa por apresentação e, em certos momentos, podem passar por perguntas e respostas e discursos contra e a favor. Além disso, uma diretiva pode modificar ou substituir decisões anteriores do comitê, o que reforça o caráter dinâmico da simulação.

Notas de Crise: As notas de crise são cartas e são os principais documentos do *backroom*: instrumentos individuais e confidenciais, enviados diretamente à mesa diretora. Diferentemente das diretivas, elas não são públicas e não passam pelo comitê. Por meio delas, o delegado executa ações no *backroom*: contata aliados, articula conspirações, solicita recursos, movimenta tropas etc., através do contato com personagens externos, definidos no arco de crise. Em outras palavras, as notas são o mecanismo que transforma sua estratégia em ação prática. Esses documentos devem seguir uma estrutura específica para os parâmetros neste comitê: Recomenda-se que utilizem título, remetente, destinatário, o que o delegado deseja alcançar com esta nota e o que podem oferecer em troca.

Para além disso, estabelecemos um limite de 2 destinatários; assim, os delegados podem alcançar o seu arco de crise ao longo do comitê com as notas, e moldar a narrativa, mas sem se confundirem com uma quantidade exagerada de personagens em sua narrativa. As pessoas que vocês escolherão não podem estar neste Conselho, mas podem ser figuras do contexto político/militar russo, ou algum personagem inventado. Durante a criação do arco de crise, esses personagens escolhidos devem ser capazes de fornecer recursos e ferramentas para que os senhores consigam alcançar o que desejam. Para os que nunca simularam em crise, é normal que a dificuldade de confeccionar de notas possa parecer grande, mas pensem que elas irão ser cartas secretas para pessoas secretas que irão lhe ajudar de alguma maneira. Sejam criativos, saibam utilizar o que têm a disposição, e se não tiverem: façam acontecer. Recomendamos que sejam descontraídos em alguns momentos e que utilizem de referências ou até criem piadas internas com esse personagem!

Além disso, dependendo do conteúdo e do impacto das ações propostas, as notas podem influenciar diretamente o andamento do comitê e até gerar novas crises, que devem ser resolvidas no *frontroom* pelos delegados – um ponto muito positivo para o arco do delegado. Por isso, seu uso estratégico é fundamental para qualquer delegado que deseja ter protagonismo real na simulação. Cada nota é respondida pela mesa diretora ao seu remetente.

As Crises

No momento que se entende que o comitê é de crise a pergunta que não quer calar se torna: como as crises serão? E como elas serão divulgadas? Por isso, faz-se necessário trazer clarificação sobre tais questões. No nosso comitê as crises podem se apresentar em dois formatos:

- Crises Secretas (enigmas): Esse tipo de crise envolve situações em que alguma informação secreta, advinda de espionagens, erros de um lado ou mensagens codificadas. Assim, nesse tipo de crise não se objetiva apenas resolver a crise, mas também desvendar sobre o que a crise se trata.
- Problemáticas: Esse tipo de crise é típica das simulações clássicas, onde alguma situação problemática ocorreu no status quo do comitê e seus resultados afetam o comitê de maneira direta a ponto dos delegados terem de resolver de maneira direta e imediatista.

Finalmente, quanto à divulgação das crises, sua divulgação pode ocorrer de diversas formas, desde documentos no privado dos delegados, até atuações no meio do comitê. Fique atento a todos os detalhes, pois, nem sempre todas as crises são anunciadas explicitamente para o comitê.

Vale a pena ressaltar que após o anúncio de cada crise no comitê, entrará automaticamente em vigor uma rodada de Tour the Table, onde cada delegado deve discursar obrigatoriamente por 30 segundos.

EXEMPLO DE NOTA DE CRISE:

Nome da Nota: Que os Jogos Comecem!

Patrocinador: Ted Mosby

Signatários: Barney Stinson, Marshall Eriksen e Lily Aldrin.

Para: Carl Barista, CEO do McGee's

Assunto: Expansão de Serviços e Eliminação da Concorrência

Meu grande amigo Carl,

Diariamente, tenho vindo ao seu Pub para construir memórias. Expressando meu interesse em expandir as minhas atuações na sociedade da empresa após a compra de 16% das ações, precisamos trabalhar em conjunto para lidar com a concorrência do "Central Perk Cafe" e, para isso, precisamos diversificar os nossos serviços. Assim, vou precisar que você adote as ações abaixo:

1 - Contate a fornecedora Brinquedos NET LTDA para realizar a compra de 350 jogos de tabuleiro, sendo 25% destinados para jogos de carta, 50% para jogos de interação social e 25% para jogos de tabuleiro convencionais. Utilize o capital acumulado das últimas 6 semanas para financiar essa iniciativa.

2 - Coloque os jogos a disposição dos clientes no Pub, cobrando aluguel por hora de cada jogo e pautando o preço a ser cobrado com base em 5% do valor do jogo, significando que o investimento será recuperado com após 20 horas alugadas por cada jogo.

3 - Entre em contato com o nosso amigo Julius Hocck no The New York Times e peça para ele publicar a notícia de que o McGee's implementou uma iniciativa de entretenimento onde o público do empreendimento pode, enquanto continua acessando as suas comidas e bebidas favoritas, confabular e confraternizar enquanto se engaja em jogos de tabuleiro, atraindo o público de um nicho com tendências geek específicas.

Prazo: Tome essa ação imediatamente.

Objetivo: Adotando essas ações, podemos diversificar as atividades do McGee's, maximizar o nosso público e alcançar um acréscimo de receita de 35% nas próximas 8 semanas.

Impactos Políticos, Sociais, Militares e Internacionais das Possíveis Respostas

As decisões tomadas ao longo da crise não produzem efeitos isolados como a revolta bolchevique e saída da guerra. Cada escolha gera consequências que se estendem por diferentes dimensões do Estado.

O impacto interno de preservar a causa dinástica

A escolha de preservar a dinastia pode funcionar, temporariamente, como um elemento de restauração simbólica e nacionalista em um cenário marcado por rupturas e incertezas. Em meio a caos institucional, a monarquia ainda representa, para determinadas classes, especialmente elites tradicionais, oficiais e grupos conservadores, um ponto de continuidade histórica. Sua manutenção pode, portanto, contribuir para criar um eixo mínimo de unidade, oferecendo uma referência comum em um contexto de fragmentação.

No entanto, essa escolha também carrega riscos que devem ser considerados. Em um contexto de guerra, fome e mobilização social constante, insistir na centralidade da dinastia pode ser interpretado como desconexão em relação às urgências concretas do país. Além disso, dentro do próprio campo antibolchevique, essa posição tende a reforçar divisões, aproximando setores monarquistas mais firmes, mas afastando grupos pragmáticos ou menos comprometidos com a restauração. Assim, preservar a causa dinástica pode simultaneamente fortalecer e limitar a capacidade de articulação política interna.

Considerações sobre apoio internacional e reconstrução interna

Embora o contexto da guerra civil russa abra espaço para reforços internacionais, seja em forma de recursos, reconhecimento diplomático ou assistência militar bélica, esse tipo de envolvimento não ocorre sem custos ou trocas. Potências externas tendem a agir de acordo com seus próprios interesses estratégicos, o que pode resultar em pressões por concessões políticas ou influência sobre decisões internas. Nesse sentido, a dependência excessiva de auxílio internacional pode comprometer a autonomia das lideranças russas e enfraquecer a percepção de legitimidade interna.

Ao mesmo tempo, a reconstrução do poder dentro do próprio território russo apresenta-se como um elemento central para qualquer solução duradoura da crise. A capacidade de estabelecer autoridade, coordenar forças e responder às demandas da população tende a ter impacto mais direto na estabilidade do que o reconhecimento externo isolado. Assim, ainda que o apoio internacional possa desempenhar um papel complementar, a consolidação interna, política, administrativa e militar, configura-se como o principal fator na definição da viabilidade de qualquer projeto de poder na Rússia.

O impacto sobre o futuro territorial e estatal da Rússia

As decisões relacionadas à autoridade política e à organização do poder têm impacto direto sobre o futuro territorial da Rússia. A existência de um polo de liderança reconhecido é um fator fundamental para a continuidade da guerra civil e para qualquer tentativa de reunificação do país. Sem esse eixo, diferentes regiões tendem a consolidar dinâmicas próprias, reduzindo a capacidade de coordenação nacional.

Uma crise prolongada, marcada por indefinições, especialmente no que diz respeito à legitimidade do poder, pode intensificar movimentos separatistas e fortalecer projetos de autonomia regional. Nesse cenário, o território deixa de ser apenas o espaço onde a crise ocorre e passa a ser um dos principais elementos em disputa. Decisões políticas não apenas refletem essa disputa, mas contribuem diretamente para moldá-la, influenciando se o país caminha em direção à recomposição ou à fragmentação.

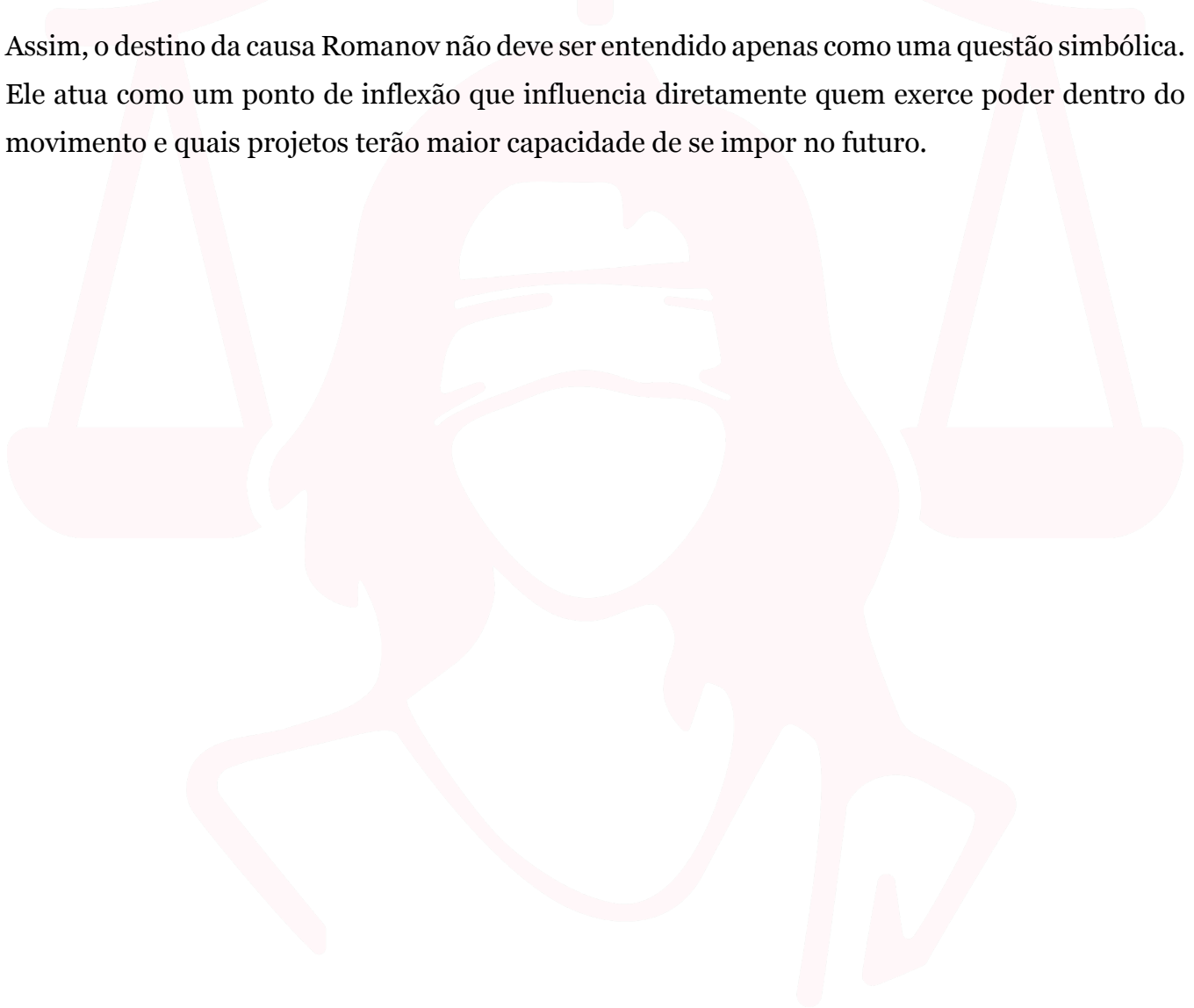
Segue abaixo o mapa da Rússia durante este Conselho:



O impacto sobre a própria estrutura de poder do campo antibolchevique

Dependendo do caminho escolhido, pode haver maior centralização de poder em lideranças militares, fortalecimento de setores monárquicos ou, ao contrário, sua marginalização. Em alguns casos, a crise pode levar a reorganizações mais profundas, incluindo disputas internas, substituição de lideranças ou redefinição completa das estruturas de comando.

Assim, o destino da causa Romanov não deve ser entendido apenas como uma questão simbólica. Ele atua como um ponto de inflexão que influencia diretamente quem exerce poder dentro do movimento e quais projetos terão maior capacidade de se impor no futuro.



Marcos da ideologia e doutrina imperial

Legitimidade imperial às lentes de 1918

Os monarquistas (o antigo regime e seus remanescentes) acreditavam que o poder legítimo provinha de três pilares centrais: continuidade histórica, fundamento religioso e legalidade tradicional. A legalidade histórica e o direito dinástico afirmavam o poder do czar pela sua dinastia, e tinha como principal argumento a garantia da continuidade do Estado russo, que, após a revolução de fevereiro, estava abalado e incerto. O fundamento religioso se baseia na ideia de que o czar era considerado ungido por Deus e que governar era um dever sagrado, e tinha grande apoio da igreja ortodoxa russa. Os monarquistas acreditavam que a autoridade política teria origem divina e não de uma revolução popular. Nesse contexto, a influência de Grigori Rasputin na corte de Nicolau II reforçava essa visão: visto por muitos como um homem com dons espirituais, Rasputin ganhou espaço junto à família imperial. Sua presença simbolizava a mistura entre política e religião, fortalecendo a crença de que o poder do czar tinha uma dimensão sagrada. A legalidade tradicional era sustentada pelo fato de o sistema czarista, mesmo com limitações, ter suas leis e instituições próprias, com ordem jurídica anterior, criticando a ação bolchevique de dissolver a Assembleia Constituinte Russa e tomar o governo a partir da violência.

Para os monarquistas, a continuidade histórica dependia da manutenção da organização do país até então conhecida, sem alternância da forma de governo utilizada, se correlacionando com a continuidade da autoridade central, a qual era vista como necessária concentrada nas mãos de um monarca, mantendo as ideias oligárquicas anteriores como uma forma de continuidade para o país. A unidade territorial era vista como uma estratégia de coesão do império, com a ideia de uma Rússia una e indivisível, com forte repressão aos movimentos separatistas durante a guerra civil russa, e firmada na ideia de que com um governo fragmentado, o país se fragmentaria juntamente, e sem uma liderança única e coesa o país não se manteria unificado. A preservação da Rússia como civilização política, na visão dos remanescentes do antigo regime estava fortemente ligada à reafirmação da identidade religiosa, intrínseca na cultura, reforçando o papel da igreja ortodoxa russa e reforçando seus valores como núcleo da civilização russa.

É essencial incorporar a mentalidade e as ideias da época em que se passa o comitê, considerando as aplicações das ideologias apresentadas no contexto trabalhado, em que tais

correntes de pensamento eram atuais, sendo utilizadas e aplicadas. Os delegados devem se colocar como sua representação, e interpretar tudo com os olhos de julho de 1918, inseridos na crise da revolução russa.

A restauração da monarquia: intocada ou reformulada?

Após a revolução de fevereiro, que derrubou o poder monárquico na Rússia, algumas tensões sobre a restauração do império no país foram visíveis. O movimento de reinstauração do sistema de governo foi apoiado por muitos aristocratas e monarquistas do movimento branco, que não só viam a queda do czar como causa do caos político, econômico e fragmentação territorial, mas também acreditavam que restaurar o regime monárquico facilitaria o apoio de outras potências europeias.

Já os opositores dessas ideias eram os ex-membros do governo provisório e os constitucionalistas que, mesmo estando no exército branco, viam a volta de uma monarquia uma ideia impopular e apoiavam uma assembleia constituinte.

Ou seja, a monarquia, ao mesmo tempo que era vista como intocável e inalterável por alguns, era vista como necessária de mudanças por outros. Na visão dos monarquistas radicais e dos apoiadores da Igreja Ortodoxa Russa, era necessária a restauração do poder à dinastia Romanov. Enquanto isso, os monarquistas moderados defendiam uma monarquia com limites, com a criação de uma constituição e parlamento, para que a monarquia sobrevivesse, porém com certa reformulação.

O peso da memória do Império e do colapso recente

A memória do império russo operava de forma paradoxal no período 1918. Por um lado, a Revolução de Fevereiro de 1917 havia sido justificada como rejeição da autocracia, da ineficiência administrativa e da corrupção que marcaram os últimos anos de Nicolau II. O colapso militar na Primeira Guerra Mundial, a fome e a brutalidade da repressão política haviam deslegitimado completamente a monarquia absoluta. Nicolau abdicou em 2 de março de 1917 reconhecendo que sua continuação no poder ameaçava a própria sobrevivência da Rússia. Por outro lado, a memória da ordem imperial permanecia como referência para aqueles que buscavam restaurar a estabilidade. A Rússia imperial, apesar de seus fracassos, havia sido uma grande potência, uma entidade política reconhecida internacionalmente, mesmo que imperfeita, aquela ordem havia

funcionado por séculos. O caos de 1917-1918 tornava a memória do império, por mais problemática, uma alternativa atraente para aqueles que temiam o pior.

Em meio a Guerra Civil, a Rússia vivia um colapso político sem precedentes. O Tratado de Brest-Litovsk desintegrou o império, os bolcheviques controlavam o centro, mas o leste, sul e norte permaneciam em disputa. Neste vácuo, figuras políticas e militares antibolcheviques ainda tentavam construir alternativas de governo. O Diretório de Ufa (Governo Provisório Pan-Russo), formado em junho de 1918, representou a tentativa mais ambiciosa de unir essas forças fragmentadas sob um programa democrático. Este paradoxo estruturava as posições de quase todos os atores políticos em 1918. Nenhum deles defendia um retorno literal ao regime de Nicolau II. Mas todos invocavam, de formas diferentes, a ideia de uma Rússia forte, unida e ordenada que havia existido antes. O slogan "Grande Rússia, Una e Indivisível" não era nostalgia romântica, mas uma jogada política: a restauração da integridade territorial e da autoridade central como condições para a sobrevivência nacional.

O colapso de 1917 não era apenas a queda de um regime político, mas o desmoronamento de toda uma estrutura estatal. O Exército Imperial se desintegrou, a administração civil entrou em caos e cidades enfrentavam fome. Regiões inteiras caíram sob controle de facções rivais. A Rússia perdeu metade de seu território europeu. Este trauma recente moldava profundamente a mentalidade dos atores políticos em 1918.

A questão da sucessão dinástica ilustra particularmente bem como a memória do império estruturava as opções políticas em 1918. Quando Nicolau II abdicou em março de 1917, ele renunciou em favor de seu filho, o Tsarevich Alexei Nikolaevich, com seu irmão Grand Duke Michael Alexandrovich como regente. Mas no dia seguinte, Michael recusou aceitar a autoridade imperial, dizendo que só aceitaria se houvesse consenso democrático da Assembleia Constituinte. Com essa recusa, a regra de 300 anos da Casa de Romanov terminou formalmente.

Mas a questão permanecia: deveria haver restauração monárquica? E se sim, quem seria o monarca legítimo? Existem respostas para essas perguntas de acordo com diferentes pontos de vista:

Para monarquistas constitucionais como Guchkov e Miliukov, a resposta era clara a princípio: Sim, deveria haver restauração, mas de uma monarquia constitucional e não uma autocracia. A memória do império era invocada aqui não como justificção para o absolutismo, mas como

justificativa para uma forma de governo que combinasse a estabilidade da instituição monárquica com a segurança de um sistema constitucional. A monarquia era vista como o melhor meio para restaurar a ordem e a continuidade histórica, enquanto a constituição era vista como a proteção contra os excessos que haviam levado ao colapso como em 1917. Miliukov chegou a considerar uma aliança com a Alemanha para restaurar a ordem quando o caos bolchevique se aprofundava, uma posição controversa que demonstrava até que ponto o trauma do colapso o havia levado a abandonar princípios ideológicos em favor de objetivos pragmáticos.

Para republicanos convictos como Kerensky e Avksentiev, a resposta era igualmente clara: Não deveria haver restauração monárquica. A memória do império era invocada como justificativa para rejeitar a monarquia. O colapso de 1917 havia sido, na sua visão, resultado parcial da incapacidade da monarquia de se reformar adequadamente. A Rússia precisava de uma república democrática nova, não de uma monarquia restaurada, mesmo que fosse constitucional. Avksentiev, enquanto presidente do Diretório de Ufa, tentou resolver esse dilema através de uma abordagem democrática. O Diretório buscava manter a subordinação do comando militar à autoridade civil, mas essa abordagem se mostrou frágil. Os generais militares, especialmente Kolchak, viam a autoridade civil democrática como um obstáculo à eficácia militar.

Além disso, durante o reinado de Nicolau II, a Tsarina Alexandra havia exercido influência extraordinária, frequentemente através de Grigori Rasputin, sobre questões de estado. Essa influência havia sido vista como não legítima por muitos setores da elite russa pois não era baseada em instituições ou em princípios constitucionais, mas em relações pessoais e influência mística. Quando Nicolau abdicou, renunciou não apenas ao trono, mas também ao modelo de governo que havia permitido tal influência corrupta.

Para monarquistas constitucionais como Guchkov e Miliukov, a restauração da monarquia deveria ser acompanhada de salvaguardas constitucionais precisamente para prevenir que outro Rasputin pudesse exercer influência ilegítima sobre o poder.

Já para republicanos como Kerensky e Avksentiev, a era Rasputin era prova de que a monarquia absoluta era incapaz de se autorregular e que apenas uma república democrática poderia oferecer às instituições necessárias para prevenir tal corrupção.

A memória do império era também invocada como argumento contra qualquer forma de continuação da revolução. Os bolcheviques representavam o extremo oposto da autocracia: a destruição da ordem e da própria ideia de Rússia como entidade política coesa. Os bolcheviques rejeitavam a dívida nacional russa, confiscavam propriedades estrangeiras, promoviam a revolução internacional e pareciam dispostos a sacrificar a integridade territorial russa em nome da ideologia comunista.

Para Boris Savinkov, revolucionário e anti-monarquista convicto, a memória do império era invocada de forma diferente. Savinkov havia sido um terrorista revolucionário e membro proeminente do Partido Socialista Revolucionário. Mas em 1918, sua prioridade absoluta era a derrota dos bolcheviques. Sua invocação da memória do império era nacionalista e patriótica: a Rússia precisava ser restaurada como uma entidade política coesa e independente, unificados apenas pela oposição aos bolcheviques.

A memória do império, portanto, não funcionava como um programa político específico, mas como uma estrutura que delimitava o campo de possibilidades políticas em 1918. Era impossível ignorar a memória do Império, alguns a invocavam para justificar a restauração de uma monarquia constitucional, outros a invocavam para justificar a construção de uma república democrática, outros ainda a invocavam para justificar a centralização militar autoritária, mas todos compartilhavam a convicção de que a Rússia precisava ser restaurada como uma entidade política coesa, ordenada e forte, se assemelhando em muitos aspectos ao império que havia existido antes.

O trauma do colapso de 1917 reforçava essa convicção. Ninguém queria repetir a experiência do caos, da fome, da desintegração territorial e da anarquia. Portanto, todos eram avessos à improvisação política, todos buscavam soluções que pudessem oferecer estabilidade, ordem e continuidade. A memória do império oferecia um modelo de estabilidade, mesmo que problemático.

A Lógica da autoridade central e da disciplina

A história da Rússia até então era a história de um estado organizado em torno de um centro político forte. Desde a ascensão de Moscou no século XV, a Rússia havia sido construída através da centralização do poder, da subordinação de regiões periféricas ao centro, e da manutenção de

uma autoridade única e indivisível. Essa estrutura permitiu à Rússia expandir-se territorialmente, resistir a invasões estrangeiras, e manter sua coesão como entidade política.

Essa compreensão histórica estruturava profundamente as posições dos personagens em 1918. Para a maioria deles, a ideia de uma Rússia descentralizada, federalista ou com múltiplos centros de poder era inconcebível, já que a Rússia era por definição um estado centralizado, e qualquer desvio dessa estrutura era visto como uma ameaça à própria existência da Rússia como entidade política.

Aleksandr Kolchak encarnava essa lógica de forma mais pura. Sua ascensão ao poder em novembro de 1918 foi justificada explicitamente como uma necessidade de centralização. O Diretório de Ufa simplesmente aboliu a autoridade civil democrática e estabeleceu uma ditadura militar e seu raciocínio era que em tempos de guerra civil, a eficácia militar tinha que ser a prioridade absoluta e que princípios democráticos poderiam ser restaurados após a vitória militar. Kolchak proclamou-se "Governante Supremo" e aboliu governos regionais, exigindo a submissão de todos os outros líderes do Movimento Branco à sua autoridade. Seu raciocínio era que apenas um centro de poder único poderia coordenar efetivamente a luta contra os bolcheviques.

Já para Pyotr Vologodsky, jurista e líder do Governo Provisório Siberiano, representava uma posição intermediária. Vologodsky era um regionalista que buscava uma maior autonomia para a Sibéria dentro de uma Rússia unitária. Sua "Independência da Sibéria" proclamada em julho de 1918 era interpretada como autonomia dentro de uma Rússia unida, não como separatismo. Mesmo Vologodsky, portanto, acreditava na necessidade de uma Rússia centralizada como estrutura geral.

A lógica da autoridade central e da disciplina, portanto, era um princípio organizador fundamental para quase todos os atores antibolcheviques em 1918. Essa lógica era justificada através de apelos à história russa, à memória do império, e à necessidade prática de coordenar a luta contra os bolcheviques. Mesmo aqueles que eram mais democráticos em suas inclinações acreditavam na necessidade de uma autoridade central forte.

A fragmentação política e militar de 1918 era vista pelos atores antibolcheviques como um problema fundamental. O Movimento Branco operava em múltiplas frentes: sul (Denikin), leste (Kolchak), norte (Miller), noroeste (Yudenich), com cada general operando com um grau

considerável de autonomia, sem um comando unificado nem estratégia coordenada. Essa fragmentação era vista como uma das principais razões pelas quais o Movimento Branco, apesar de seus recursos e do apoio internacional, fracassaria eventualmente na luta contra os bolcheviques. O movimento era "caracterizado por desunião interna, rivalidades pessoais e falta de autoridade central, o que contribuiu para sua desunião militar e política durante a guerra civil."

Vasily Boldyrev, o "general democrata" que serviu como Comandante Supremo das forças do Diretório de Ufa, tentou resolver esse problema mantendo a subordinação do comando militar à autoridade civil, mas sua posição era frágil, e quando Kolchak assumiu o poder em novembro de 1918, Boldyrev foi afastado. Sua tentativa de manter um equilíbrio entre necessidades militares e autoridade civil democrática fracassou diante da realidade da guerra civil e da ascensão de um líder militar mais autoritário.

O Império Russo havia sido por séculos um estado centralizado com um único centro de poder: o Tsar. Essa estrutura havia permitido à Rússia manter sua coesão territorial e sua posição como grande potência, por isso a ideia de múltiplos centros de poder, de federalismo, de autonomia regional, era vista como contrária à natureza histórica da Rússia. A guerra civil russa não era apenas um conflito militar, o conflito civil era também sobre o princípio de mando. Quem tinha autoridade para comandar? Como deveria ser exercida essa autoridade? Deveria haver um único centro de mando, ou múltiplos centros coordenados?

Outros exemplos de resposta de acordo com diferentes pontos de vista:

Os bolcheviques, sob a liderança de Trotsky, haviam resolvido esse problema através da centralização radical. O Exército Vermelho operava sob um comando unificado, com uma hierarquia clara e uma disciplina rigorosa, e essa centralização militar era vista pelos bolcheviques como essencial para a vitória. De fato, contribuiu significativamente para a eventual derrota do Movimento Branco.

Os antibolcheviques enfrentavam um dilema. Reconheciam que a centralização militar era necessária para a vitória, mas muitos deles também acreditavam que a centralização deveria estar subordinada a princípios democráticos e constitucionais, pondo em cheque como conciliar essas duas exigências.

A questão da soberania regional ilustra particularmente bem a tensão entre a lógica da centralização e as realidades políticas de 1918. Várias regiões da Rússia buscavam uma maior autonomia ou até mesmo independência: Sibéria, Cáucaso, Ucrânia, Bálticos, Polônia, entre outras. Essa fragmentação territorial era vista pelos antibolcheviques como uma ameaça existencial à Rússia.

O slogan do Movimento Branco "Grande Rússia, Una e Indivisível" era uma resposta explícita a essa fragmentação. Negava o direito à autodeterminação de outras nações e regiões, buscava restaurar a integridade territorial do império e mesmo aqueles que eram mais liberais em suas inclinações políticas acreditavam nessa lógica. Miliukov, por exemplo, era um defensor ferrenho da integridade territorial russa e se opunha a qualquer forma de separatismo regional.

Mesmo aqueles que rejeitavam a monarquia absoluta acreditavam nessa lógica:

Kerensky, republicano convicto, havia tentado manter a autoridade central do Governo Provisório contra as pressões dos soviets locais. Quando fracassou, foi porque não conseguiu impor a autoridade central de forma eficaz e sua incapacidade de centralizar o poder havia contribuído para sua queda e para a ascensão dos bolcheviques.

Lvov, liberal constitucionalista, acreditava na importância da autoridade central, mas pensava que deveria ser legitimada através de instituições democráticas. Sua visão era a de um estado centralizado, mas com participação popular através de instituições constitucionais. Mesmo assim, acreditava na necessidade de um centro de poder único e forte.

O dilema era como reconciliar essa lógica com os princípios democráticos e constitucionais que muitos desses atores também defendiam. Alguns, como Kolchak, resolveram esse dilema simplesmente abandonando os princípios democráticos em favor da eficácia militar. Outros, como Avksentiev e o Diretório de Ufa, tentaram manter ambos, mas fracassaram. Outros ainda, como Miliukov, buscavam uma síntese teórica entre centralização e constituição, mas enfrentavam dificuldades práticas na implementação.

Soluções e Eixos de Ação: Quem vai governar a Rússia?

A partir do momento que os delegados se encontram em um conselho de regência russo, o modelo de governo da Rússia deve ser discutido e decidido, e as possíveis soluções devem contar com quem e como esse poder se concentrará ou distribuirá como elemento central. Principalmente no contexto de guerra civil, tal governo deve estar bem estruturado e delimitado, demonstrando estabilidade e capacidade de lidar com a crise. O plano deve estar à altura da guerra civil, e dos possíveis opositores do regime, e cada delegado deve reconhecer seu posicionamento e adotar a forma de governo alinhada aos interesses de sua delegação

Preservação do poder sob regência da Monarquia

A manutenção do poder monárquico se baseia na continuidade histórica e de um governo russo que prevalecia há quase dois séculos, legitimando o poder imperial longe dos ideais revolucionários e mantendo a regência do país inalterada/ pouco modificada. Tal ideia era pouco apoiada pelos revolucionários, sendo considerada uma estagnação no passado, então as resoluções devem apresentar formas de transição de volta para o poder monárquico, e como ocorreria a instauração e manutenção de tal regime

*monarquistas menos imediatistas: uma abordagem menos imediatista poderia, bem estruturada, ser mais bem considerada pelo conselho de regência, propondo uma monarquia futura, sem exigência de uma instauração imediata e total do regime imperial

Monarquistas revolucionários

Ao tomar o posicionamento de preservar a monarquia, porém com um teor mais revolucionário, o delegado pode combinar a exigência de uma oligarquia com negociações para ajuste do poder central, fazendo concessões pontuais e estratégicas que possam beneficiar a parte, e que mantenham o seu interesse central intocado, sem parecer fechado para o diálogo nem extremo em seu posicionamento, e, simultaneamente, trabalhar por meio das notas de crise para que seus interesses sejam consolidados. Tais delegações devem equilibrar seus posicionamentos, mensurando a importância de cada lado, observando se apoia mais ideias revolucionárias ou monarquistas e vendo até onde acredita que o governo pode ser modificado e reformulado. As

soluções podem ser o momento que ocorre a diferenciação dos interesses das delegações, como os monarquistas mais extremos que exigem volta imediata e absoluta da aristocracia, e os mais moderados, que estão abertos para certas mudanças, alterando e revolucionando parte do regime, porém sem perder o seu núcleo e sua base.

Anti-monarquistas

As delegações que forem contra a restituição da monarquia em nome da sobrevivência da nação após as revoluções devem pensar em qual caminho o país seguirá com o abandono do trono russo, como o governo se organizará e como ele pretende se estabelecer

Ao destituir uma dinastia secular, o conselho perde seu eixo histórico, e é papel dos delegados reinventar a Rússia nos moldes de um novo governo e estrutura de regência, tendo assim, o potencial de ampliar alianças entre anti-monarquistas, porém tendo em vista que a ideia de um governo novo deve ser bem estruturada e apresentada, visto que a única forma de governo que a Rússia conhece por toda a sua história estaria sendo substituída

Outros pontos essenciais que uma resolução deve abordar são as consequências a longo prazo para a Rússia pós-imperial; como será construída a narrativa de um nacionalismo russo, reinventando tudo que o país conhecia como sua identidade e governo; quando as ações pensadas e elaboradas em resoluções devem ser aplicadas, seja imediatamente seja em um momento estratégico, e como ocorrerá a organização e distribuição de poder no governo adotado.

Representações

Aleksandr Mikhailovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)

Aleksandr Mikhailovich Romanov é um membro proeminente da família Romanov, com forte atuação nas esferas militar e administrativa do Império Russo. Oficial da Marinha Imperial, ele construiu sua trajetória dentro de uma instituição que buscava modernização, sendo conhecido por defender reformas que tornassem a Rússia mais eficiente e alinhada às potências europeias. Ao longo de sua vida, manteve contato com diferentes círculos políticos e militares, o que lhe proporcionou uma visão mais ampla das limitações estruturais do império, especialmente no que diz respeito à burocracia estatal e à capacidade de adaptação às transformações do início do século XX.

Politicamente, Aleksandr se destaca por uma postura mais pragmática dentro da aristocracia russa. Diferentemente de membros mais conservadores da família imperial, ele demonstra maior abertura à necessidade de mudanças institucionais e reconhece os desafios impostos pela modernização tardia da Rússia. Sua experiência militar e administrativa o leva a priorizar estabilidade e eficiência, valorizando soluções práticas em detrimento de posições puramente ideológicas. Essa combinação de tradição aristocrática com inclinação reformista o coloca como uma figura singular dentro da elite imperial russa.

Aleksandra Feodorovna Romanova (Ex-Imperatriz da Rússia)

Alexandra Feodorovna, nascida princesa alemã e posteriormente imperatriz da Rússia, exerce papel central na corte imperial até a queda do regime. Profundamente ligada à ideia do poder absoluto do czar, ela acredita na autoridade divina da monarquia e na legitimidade incontestável da dinastia Romanov. Sua atuação durante os últimos anos do Império é marcada por forte influência nas decisões políticas, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, quando se aproxima de figuras controversas como Grigori Rasputin, o que contribui para o desgaste de sua imagem perante a sociedade russa.

Sua personalidade é caracterizada por convicções firmes, religiosidade intensa e desconfiança em relação a opositores políticos. Aleksandra tende a se apoiar em círculos restritos de confiança, o que a distancia de setores mais amplos da sociedade e da elite política. Sua postura rígida

diante de reformas e sua resistência a mudanças estruturais refletem uma visão de mundo profundamente enraizada na tradição autocrática, o que a torna uma figura polarizadora no cenário político russo do início do século XX.

Alexei Nikolaevich Romanov (Tsesarevich e Herdeiro do Trono Russo)

Alexei Nikolaevich é o único filho homem de Nicolau II e herdeiro direto do trono russo, ocupando uma posição de enorme relevância simbólica dentro da dinastia Romanov. Desde o nascimento, sua vida é marcada pela hemofilia, condição que afeta profundamente sua saúde e limita suas atividades, exigindo cuidados constantes. Essa fragilidade física influencia não apenas sua rotina, mas também a dinâmica da família imperial, tornando-o uma figura central nas decisões pessoais e políticas do núcleo familiar.

Apesar de sua pouca idade, Alexei representa a continuidade da monarquia russa e carrega o peso das expectativas dinásticas. Sua imagem é frequentemente associada à esperança de estabilidade e permanência do regime, especialmente entre setores monarquistas. Ao mesmo tempo, sua condição de saúde o torna vulnerável, o que intensifica a proteção ao seu redor e contribui para o isolamento da família imperial em seus últimos anos no poder.

Anastasia Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)

Anastasia Nikolaevna é uma das filhas mais jovens de Nicolau II, conhecida por sua personalidade vivaz e espírito irreverente dentro da corte imperial. Crescendo em um ambiente altamente controlado, ela desenvolve uma postura mais descontraída em comparação com o formalismo tradicional da família Romanov, sendo frequentemente descrita como espirituosa e próxima de seus irmãos. Sua juventude contrasta com o peso político e histórico que cerca sua família, especialmente nos anos finais do Império.

Embora não desempenhe papel político direto, Anastasia está inserida em um contexto de profunda transformação social e política. Sua vivência dentro da família imperial permite que acompanhe de perto os eventos que levam à queda do regime, ainda que sem participação ativa nas decisões. Sua figura acaba se tornando um símbolo da dimensão humana da dinastia Romanov, representando uma geração que cresce em meio ao colapso de um sistema que parecia, até então, permanente.

Dmitri Pavlovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)

Dmitri Pavlovich Romanov é um membro da família imperial com trajetória marcada por envolvimento direto em eventos políticos decisivos do final do Império Russo. Oficial do exército e figura próxima da corte, ele ganha notoriedade por sua participação no assassinato de Grigori Rasputin, episódio que reflete o nível de tensão e divisão dentro da própria elite russa. Sua formação militar e sua vivência na alta sociedade o colocam em posição de destaque entre os Romanov, especialmente em momentos de crise.

Sua postura política tende a ser mais crítica em relação aos rumos do regime czarista, especialmente no que diz respeito à influência de figuras externas sobre a família imperial. Dmitri demonstra disposição para agir de forma direta quando considera necessário, o que o diferencia de membros mais conservadores e passivos da aristocracia. Essa combinação de ação decisiva e percepção das fragilidades do sistema o torna uma figura complexa dentro do cenário político russo.

Kirill Vladimirovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)

Kirill Vladimirovich é um membro ambicioso da família Romanov, com carreira consolidada na Marinha Imperial Russa. Ao longo de sua trajetória, ele demonstra forte senso de pertencimento à dinastia e consciência de sua posição dentro da linha de sucessão. Diferentemente de outros membros da família, Kirill se mostra mais ativo politicamente, buscando afirmar sua relevância em meio às transformações que atingem o Império Russo no início do século XX.

Sua atuação é marcada por pragmatismo e percepção das oportunidades políticas que emergem em contextos de instabilidade. Kirill compreende que o colapso das estruturas tradicionais abre espaço para redefinições dentro da própria elite imperial, e não hesita em se posicionar de forma estratégica diante desse cenário. Sua combinação de ambição, experiência militar e senso de legitimidade dinástica o torna uma figura relevante e potencialmente influente no futuro da Rússia.

Maria Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)

Maria Nikolaevna é uma das filhas de Nicolau II, conhecida por sua personalidade mais reservada e afetuosa dentro da família imperial. Ao contrário de algumas de suas irmãs, Maria

tende a adotar uma postura mais introspectiva, destacando-se por sua proximidade com os pais e por seu senso de dever familiar. Sua formação ocorre em um ambiente marcado por disciplina, tradição e forte controle sobre a vida privada dos membros da dinastia.

Apesar de não exercer influência política direta, Maria está profundamente inserida no contexto de transformação vivido pela Rússia no início do século XX. Sua experiência reflete o contraste entre a estabilidade da vida imperial e o colapso repentino desse sistema. Assim como outros membros da família, sua figura adquire relevância simbólica, representando a continuidade da dinastia em meio a um cenário de ruptura histórica.

Mikhail Aleksandrovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)

Mikhail Aleksandrovich Romanov é o irmão mais novo de Nicolau II e figura central na crise de sucessão após a abdicação de 1917. Ao recusar assumir o trono sem aprovação de uma assembleia representativa, ele se torna um símbolo de transição interrompida entre o antigo regime e uma possível ordem política alternativa. Em 1918, sua posição é marcada pela ambiguidade: não exerce poder direto, mas continua sendo uma referência potencial para diferentes projetos de restauração.

Sua postura tende a ser mais cautelosa e menos autoritária do que a de outros membros da dinastia. Mikhail demonstra certa abertura a soluções institucionais mais amplas, o que pode aproximá-lo de liberais e setores moderados. Ao mesmo tempo, sua ligação direta com a sucessão o mantém relevante para monarquistas, criando uma posição que permite múltiplas aproximações, mas também o coloca no centro de disputas sobre legitimidade.

Nikolai Aleksandrovich Romanov (Ex-Imperador da Rússia)

Nikolai Aleksandrovich Romanov, o ex-imperador Nicolau II, permanece como a figura mais diretamente associada ao antigo regime. Sua abdicação, em março de 1917, desencadeia o colapso da estrutura política imperial, mas não elimina completamente seu peso simbólico. Em 1918, mesmo afastado do poder, ele ainda representa, para muitos, a continuidade de uma ordem que deixou de existir formalmente, mas não desapareceu do imaginário político.

Sua personalidade é frequentemente associada a uma postura reservada, marcada por forte senso de dever dinástico, mas também por dificuldades em lidar com pressões políticas

complexas. Seu posicionamento político não se traduz em ação direta, mas sua figura continua sendo central para monarquistas e setores conservadores. Ao mesmo tempo, sua associação com os fracassos do regime imperial pode afastar possíveis aliados mais pragmáticos, tornando sua presença simultaneamente mobilizadora e limitadora.

Nikolai Mikhailovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)

Nikolai Mikhailovich Romanov é um grão-duque conhecido não apenas por sua posição dentro da dinastia, mas também por sua atuação como intelectual e historiador, com produção voltada ao estudo da própria história imperial russa. Em 1918, ele representa uma vertente mais reflexiva da família Romanov, menos associada ao exercício direto de poder e mais ligada à interpretação do papel histórico da monarquia.

Seu posicionamento tende a ser mais crítico e analítico em relação aos rumos da Rússia, o que o distancia de posturas mais rígidas ou reativas. Essa inclinação pode aproximá-lo de setores que defendem reformas ou reconfigurações institucionais mais amplas, embora sua identidade como Romanov ainda o conecte à causa dinástica. Sua presença evidencia que a própria família imperial não é politicamente homogênea.

Nikolai Nikolaevich Romanov (Grão-Duque da Rússia e ex-Comandante Supremo do Exército Imperial Russo)

Nikolai Nikolaevich Romanov é um dos membros mais influentes da família imperial no campo militar, tendo atuado como Comandante Supremo do Exército Imperial Russo no início da Primeira Guerra Mundial. Sua trajetória lhe confere prestígio entre oficiais e setores militares, além de uma reputação associada à disciplina e à autoridade.

Politicamente, ele tende a se alinhar com a ideia de restauração de uma ordem forte, ainda que não necessariamente centrada em Nicolau II. Sua figura pode servir como ponte entre monarquistas e militares, especialmente aqueles que buscam uma liderança capaz de reorganizar o Estado e o exército. Isso o torna um potencial polo de alianças dentro do campo antibolchevique, particularmente entre oficiais e setores conservadores.

Olga Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)

Olga Nikolaevna Romanova é a filha mais velha de Nicolau II, criada no ambiente da corte imperial, mas também marcada pelas transformações e dificuldades do período final do Império. Em 1918, sua posição está diretamente ligada ao destino da família Romanov, tornando-a parte central da dimensão simbólica da crise.

Sua personalidade é frequentemente associada a senso de responsabilidade e maturidade precoce, características desenvolvidas em meio à instabilidade política e ao contexto da guerra. Embora não exerça papel político direto, sua figura pode ser mobilizada como símbolo de continuidade dinástica, especialmente por setores que buscam preservar a legitimidade da família imperial. Ao mesmo tempo, sua posição evidencia a vulnerabilidade da dinastia no novo contexto.

Pavel Aleksandrovich Romanov (Grão-Duque da Rússia)

Pavel Aleksandrovich Romanov é um grão-duque com trajetória marcada por relações complexas dentro da própria família imperial e por períodos de afastamento da vida política central. Ainda assim, sua posição dentro da dinastia o mantém relevante em um momento em que a questão sucessória e a legitimidade imperial voltam ao centro do debate.

Seu posicionamento tende a ser associado à preservação da dinastia, embora sua atuação seja menos visível do que a de outras figuras. Isso pode levá-lo a buscar alianças com setores monarquistas mais tradicionais, ao mesmo tempo em que sua trajetória pessoal pode gerar desconfianças ou limitações dentro do próprio campo dinástico.

Tatiana Nikolaevna Romanova (Grã-Duquesa da Rússia)

Tatiana Nikolaevna Romanova é a segunda filha de Nicolau II, conhecida por sua atuação durante a Primeira Guerra Mundial em atividades de apoio médico, especialmente no contexto da Cruz Vermelha. Em 1918, assim como sua irmã Olga, sua posição está diretamente ligada ao destino da família imperial, reforçando o peso simbólico dos Romanov no cenário político.

Sua personalidade é frequentemente descrita como disciplinada e organizada, refletindo o papel que assumiu em momentos de crise. Embora não atue diretamente na política, sua figura pode

ser associada à imagem de dever e serviço, elementos que setores monarquistas podem mobilizar na construção de narrativas de legitimidade. Ao mesmo tempo, sua presença reforça o caráter humano e vulnerável da dinastia em meio ao colapso do Estado.

Aleksei Kaledin (Atamã dos Cossacos do Don)

Visto o recorte histórico estabelecido para esse comitê, tecnicamente Aleksei Kaledin já teria cometido suicídio (11 de fevereiro de 1918) devido ao colapso de sua posição política e militar no início da Guerra Civil Russa, quando optou pelo suicídio como forma de não se render aos bolcheviques. Porém, para efeito de dinâmica do comitê, Aleksei Kaledin será considerado vivo durante o recorte de tempo em que se passa a reunião, tomando assim o posicionamento que manteve durante seus últimos anos de vida. Aleksei Kaledin foi um general do Exército do Império Russo e Atamã dos Cossacos do Don, destacando-se como uma das primeiras lideranças militares contrárias aos bolcheviques após a Revolução de Outubro. Veterano da Primeira Guerra Mundial, assumiu o controle político e militar da região do Don, transformando-a em um dos primeiros focos de resistência armada durante o início da Guerra Civil Russa. Defensor da ordem tradicional, da autonomia cossaca e da luta contra o avanço bolchevique, representava uma liderança regional com forte base militar, mas sem um projeto político nacional plenamente estruturado.

Seus interesses centravam-se na preservação do poder cossaco e na contenção dos bolcheviques, buscando alianças com militares do Exército Branco, como Lavr Kornilov e Anton Denikin, além de diálogo com setores monarquistas. Seus limites incluíam derrotas militares, isolamento político e dificuldade de coordenação com outras forças antibolcheviques. Em uma reunião do conselho, sua linguagem política tenderia a ser direta e militar, contrastando com discursos mais institucionais ou moderados presentes entre membros do antigo Governo Provisório ou figuras políticas civis.

Grigory Semyonov (Atamã cossaco da Transbaikal)

Grigory é um tenente-general e atamã (era um título dado a líderes cossacos e haidamak de diversos tipos. No Império Russo, o termo era o título oficial dos comandantes militares supremos dos exércitos cossacos) do Baikal (1919). Ele foi o comandante do Exército do Extremo Oriente durante a Guerra Civil Russa, líder militar pragmático e descentralizador, defendendo a necessidade de intensificar a luta armada contra os bolcheviques após a Revolução de Outubro,

no contexto da Guerra Civil Russa. Seus interesses estariam voltados à consolidação de seu controle na Transbaikal (Terror Branco- período de confronto entre os soviéticos e os “Branco” pelo domínio da região de Transbaikal, de dezembro de 1917 a novembro de 1920) e à ampliação de sua influência na Sibéria oriental, apoiando-se em alianças estratégicas com o Japão, o que poderia gerar tensões com setores mais nacionalistas e monarquistas.

Seus limites incluíam a falta de uma administração estável até julho de 1918, a fragmentação de suas forças e sua associação à violência extrema ligada ao Terror Branco, o que abriria espaço para críticas, especialmente de lideranças morais como Patriarkh Tikhon. Em termos de alianças, aproximar-se-ia de militares como Lavr Kornilov, mas entraria em conflito com figuras mais legalistas, como Viktor Chernov, adotando uma linguagem política direta, centrada na ordem, na força e na repressão como meios necessários para restaurar o controle.

Mikhail Rodzianko (ex-Presidente da Duma Estatal)

Mikhail Rodzianko é um político conservador e uma das principais lideranças institucionais do final do Império Russo, tendo atuado como Presidente da Duma Estatal entre 1911 e 1917. Desempenhou papel central na Revolução de Fevereiro, participando diretamente das articulações que levaram à abdicação do czar Nicolau II e à formação do Governo Provisório. Defensor da ordem, da legalidade e da continuidade institucional, representava uma ala moderada que buscava preservar a estrutura do Estado por meio de reformas, mantendo também a participação russa na Primeira Guerra Mundial.

Após a Revolução de Outubro, perdeu influência direta e passou a atuar como opositor do regime bolchevique, sem ocupar cargo oficial. Seus interesses concentravam-se na restauração de um governo estável (possivelmente constitucional), tendo como limites a ausência de base militar e a desconfiança de setores mais radicais. Prováveis alianças incluíam liberais do antigo Governo Provisório, como Pavel Miliukov, e diálogo com militares como Anton Denikin, buscando posicionar-se como uma figura de mediação entre monarquistas, liberais e forças militares no contexto da Guerra Civil Russa.

Nikolai Markov (líder monarquista de direita e ex-Deputado da Duma Estatal)

Nikolai Markov é um dos principais representantes do monarquismo de direita no final do Império Russo e ex-deputado da Duma Estatal, associado a correntes ultraconservadoras e nacionalistas. Defensor da autocracia e da autoridade de Nicolau II, destacou-se pela oposição às reformas liberais, ao governo provisório e à perda de poder do regime czarista durante a Revolução de Fevereiro. Seus interesses estavam voltados à restauração da monarquia tradicional e à rejeição de qualquer modelo liberal ou socialista, buscando apoio direto dos Romanov e de setores mais conservadores.

Seus limites incluíam a ausência de força militar própria e o isolamento político diante de grupos mais moderados ou pragmáticos, como ex-integrantes do Governo Provisório, além de tensões com militares que priorizavam estratégias práticas na Guerra Civil Russa. Suas alianças prováveis se dariam com figuras monarquistas e reacionárias, como Vladimir Purishkevich, posicionando-se como um dos porta-vozes mais rígidos e intransigentes da restauração do antigo regime.

Patriarkh Tikhon (Patriarca de Moscou e de Toda a Rússia)

Patriarkh Tikhon é o líder máximo da Igreja Ortodoxa Russa, eleito Patriarca de Moscou e de Toda a Rússia em 1917, em meio à crise desencadeada pela Revolução de Outubro. Sua atuação até julho de 1918 foi marcada pela oposição moral ao regime bolchevique, condenando a violência revolucionária, a perseguição religiosa e a expropriação de bens da Igreja. Seus interesses centravam-se na preservação da fé ortodoxa, da influência da Igreja e da coesão social, utilizando uma linguagem política baseada em valores éticos, religiosos e na defesa da ordem espiritual diante do caos político.

Seus limites residiam na ausência de poder militar ou institucional direto, dependendo de sua autoridade espiritual para influenciar os acontecimentos. Suas alianças prováveis incluíam setores monarquistas, como os Nicolau II e a família Romanov, além de conservadores como Mikhail Rodzianko, embora mantivesse certa distância de ações violentas defendidas por militares como Lavr Kornilov. Assim, sua importância no debate reside em atuar como uma

autoridade moral e simbólica, buscando legitimar a resistência ao bolchevismo com base em princípios religiosos e na defesa da tradição russa no contexto da Guerra Civil Russa.

Pyotr Krasnov (Atamã dos Cossacos do Don)

Krasnov é um general do Exército do Império Russo e uma das principais lideranças militares contrarrevolucionárias no sul da Rússia durante a Guerra Civil Russa. Veterano da Primeira Guerra Mundial, foi eleito, em maio de 1918, Atamã (título dado a líderes cossacos e haidamak de diversos tipos. No Império Russo, o termo era o título oficial dos comandantes militares supremos dos exércitos cossacos) do Don, assumindo o controle político e militar da região. A partir desse cargo, liderou forças contra o Exército Vermelho, estabelecendo uma autoridade relativamente autônoma e buscando restaurar a ordem tradicional cossaca, com apoio externo do Império Alemão após o Tratado de Brest-Litovsk.

Seus interesses centravam-se na manutenção da autonomia do território do Don e na derrota dos bolcheviques, priorizando a força militar como principal instrumento de poder. Seus limites incluíam a dependência de apoio externo e a dificuldade de coordenação com outras lideranças do Movimento Branco, como Anton Denikin, com quem poderia tanto cooperar quanto disputar influência. Posicionava-se de forma pragmática no conselho ao lado de outros comandantes e em tensão tanto com civis do antigo Governo Provisório quanto com propostas mais ideológicas ou institucionais.

Sergei Sazonov (ex-Ministro das Relações Exteriores do Império Russo)

Sergei é um importante diplomata do Império Russo, tendo atuado como Ministro das Relações Exteriores entre 1910 e 1916, período em que desempenhou papel central na formulação da política externa russa e na consolidação de alianças que levaram o país à Primeira Guerra Mundial ao lado da Tríplice Entente. Após a Revolução de Fevereiro, perdeu influência direta, mas manteve-se alinhado a uma visão liberal-conservadora, defendendo a continuidade da Rússia como potência internacional e a preservação de suas alianças estratégicas.

No contexto de uma reunião do conselho de regência entre março e julho de 1918, após a Revolução de Outubro, Sazonov se apresentaria como um articulador diplomático, com interesses voltados à reintegração da Rússia ao cenário internacional e à reversão do isolamento

imposto pelos bolcheviques, apoiando o movimento branco. Seus limites incluiriam a ausência de poder militar e de base política interna, enquanto suas alianças tenderiam a se concentrar em figuras liberais do antigo Governo Provisório, como Pavel Miliukov, além de cooperação com líderes militares antibolcheviques, buscando posicionar-se como essencial para garantir apoio estrangeiro na Guerra Civil Russa.

Vasily Shulgin (monarquista e ex-Deputado da Duma Estatal)

Shulgin é um político conservador e monarchista influente do final do Império Russo, atuando como deputado da Duma Estatal e destacando-se por seu nacionalismo e defesa da autocracia. Teve participação direta na Revolução de Fevereiro, sendo um dos enviados para negociar com o czar Nicolau II, presenciando sua abdicação. Esse episódio marcou sua trajetória, levando-o a assumir uma posição de forte oposição tanto ao Governo Provisório, que considerava frágil, quanto ao regime bolchevique instaurado após a Revolução de Outubro.

Até julho de 1918, seus interesses estavam centrados na restauração da monarquia e da ordem tradicional, alinhando-se a setores contrarrevolucionários que dariam base ao Movimento Branco. Seus limites incluíam a ausência de poder militar direto e a dificuldade de articulação com liberais e socialistas, embora pudesse formar alianças com monarchistas como Nikolai Markov e dialogar com militares como Lavr Kornilov. Sua linguagem política era marcada por um tom nacionalista e restaurador, posicionando-se como um dos principais porta-vozes da resistência monarchista no contexto da Guerra Civil Russa.

Viktor Chernov (Presidente da Assembleia Constituinte Russa)

Chernov é uma das principais lideranças socialistas moderadas da Rússia revolucionária e figura central na defesa de um projeto democrático após o colapso do Império Russo. Membro destacado dos socialistas-revolucionários, atuou como Ministro da Agricultura do Governo Provisório após a Revolução de Fevereiro, defendendo reformas agrárias e maior participação popular. Em janeiro de 1918, foi eleito Presidente da Assembleia Constituinte Russa, símbolo de uma tentativa de revolucionar a democracia, mas que foi rapidamente dissolvida após a Revolução de Outubro, reafirmando sua posição antidemocrática.

Até julho de 1918, Chernov posicionava-se como opositor dos bolcheviques, defendendo a restauração de um regime representativo baseado em eleições e reformas sociais. Seus interesses concentravam-se na redistribuição de terras e na legitimidade democrática, tendo como limites a falta de força militar e a fragmentação dos socialistas não bolcheviques. Suas alianças prováveis incluíam setores moderados do antigo Governo Provisório, como Aleksandr Kerensky, enquanto entraria em conflito tanto com monarquistas quanto com militares autoritários, como Lavr Kornilov, buscando afirmar uma alternativa ao radicalismo bolchevique no contexto da Guerra Civil Russa.

Vladimir Purishkevich (monarquista e ex-Deputado da Duma Estatal)

Vladimir Pashkevich é um político ultraconservador e um dos principais representantes do monarquismo radical no final do Império Russo, atuando como deputado da Duma Estatal e defensor ferrenho da autocracia de Nicolau II. Ganhou notoriedade por sua participação no assassinato de Grigori Rasputin em 1916, refletindo a crise interna do regime. Após a Revolução de Fevereiro, perdeu seu cargo e passou a se opor tanto ao Governo Provisório quanto, posteriormente, ao regime instaurado pela Revolução de Outubro, posicionando-se como um dos articuladores iniciais da resistência contrarrevolucionária.

Seus interesses estavam centrados na restauração da monarquia e na eliminação do bolchevismo por meio de ação direta, tendo como limites a ausência de comando militar próprio e sua postura extremista, que dificultava consensos mais amplos. Suas alianças prováveis incluíam monarquistas radicais como Nikolai Markov e setores militares do Movimento Branco, enquanto entraria em forte conflito com figuras moderadas como Mikhail Rodzianko ou socialistas como Viktor Chernov. Sua linguagem política seria agressiva e ideológica, refletindo uma postura intransigente no contexto da Guerra Civil Russa

Aleksandr Kerensky (ex-Ministro-Presidente do Governo Provisório Russo)

Opositor ferrenho da monarquia, sua trajetória política foi marcada por uma adesão inabalável aos princípios republicanos e democráticos. Kerensky viu a Revolução de Fevereiro de 1917 como a oportunidade de transformar a Rússia em uma república democrática moderna, baseada no

modelo ocidental. Sua ascensão ao cargo de Ministro-Presidente do Governo Provisório em julho de 1917 representou o apogeu dessa visão republicana. Em 1918, mesmo em exílio ou na clandestinidade, Kerensky manteve sua postura firmemente contrária à restauração monárquica, vendo a Assembleia Constituinte como a única fonte legítima de poder na Rússia, acreditando que apenas uma transição democrática e constitucional poderia salvar a Rússia do colapso. Defensor apaixonado da Assembleia Constituinte como a base legítima para o novo estado russo, sua crença na supremacia da Assembleia Constituinte era quase religiosa, vendo-a como a manifestação da vontade popular. Kerensky via a convocação e funcionamento da Assembleia Constituinte como essencial para a legitimação de qualquer novo governo. Essa postura o diferenciava de muitos outros líderes antibolcheviques que estavam dispostos a sacrificar princípios constitucionais em nome da vitória militar.

Seus principais interesses eram a preservação da democracia e da república na Rússia, bem como a continuação do esforço de guerra contra as Potências Centrais, na esperança de que uma vitória aliada fortalecesse a posição da Rússia democrática no cenário internacional. Kerensky acreditava que a Rússia, como parte do bloco aliado, teria uma voz mais forte na construção da nova ordem europeia pós-guerra. Kerensky buscava alianças com outros socialistas moderados, democratas liberais (como os Kadets mais à esquerda) e potências aliadas ocidentais que apoiavam uma Rússia democrática. Sua tentativa de manter a cooperação com os soviets, embora com sucesso limitado, refletia sua esperança de construir uma frente unida de forças democráticas contra o extremismo bolchevique. Idealista e focado nos princípios da revolução democrática, da liberdade e da pátria, Kerensky era um mestre da oratória, usando apelos emocionais para a unidade nacional e a defesa da Rússia contra ameaças internas e externas. Seus discursos frequentemente invocavam a história russa, a tradição democrática ocidental e a esperança de um futuro melhor para o povo russo.

Aleksandr Kolchak (Ministro da Guerra e da Marinha do Governo Provisório Pan-Russo)

Nacionalista liberal e republicano pragmático, não era um monarquista convicto no sentido de buscar ativamente a restauração da dinastia Romanov, ao invés disso, via a restauração da ordem e a unidade da Rússia como prioridades absolutas. Kolchak era um "nacionalista liberal" que, embora aceitasse o apoio de monarquistas e fosse visto por alguns como um potencial restaurador, sua principal preocupação era derrotar os bolcheviques e estabelecer um governo

forte para a "Rússia Una e Indivisível". Sua ascensão ao poder em novembro de 1918 foi justificada não por uma ideologia monarquista, mas pela necessidade de centralizar o comando militar e político contra a ameaça bolchevique. Kolchak buscava a máxima centralização do poder, abolindo governos regionais e exigindo a submissão de outros líderes do Movimento Branco à sua autoridade. Conseguiu consolidar o comando sobre as forças anti-bolcheviques no leste e sul da Rússia, com generais como Denikin, Miller e Yudenich reconhecendo sua supremacia. Essa centralização foi essencial para a coordenação militar, mas também contribuiu para a rigidez política de seu regime.

Kolchak era um oficial naval respeitado, com experiência em combate (incluindo a Guerra Russo-Japonesa e a Primeira Guerra Mundial) e um forte senso de dever patriótico. Sua transição de um comandante naval para um líder político foi marcada por uma crescente convicção de que apenas uma liderança forte e unificada poderia salvar a Rússia do caos bolchevique. Ele era visto como um homem de ação, mas com pouca habilidade política e pouca compreensão das complexidades da política civil. Sua lealdade à ideia de uma Rússia unida e forte era inabalável, mas sua incapacidade de construir um consenso político amplo limitava seu apelo. Seu principal interesse era a restauração da ordem, a derrota dos bolcheviques e a preservação da integridade territorial da Rússia. Kolchak se via como um salvador da pátria, acima das facções políticas, e acreditava que sua liderança militar era essencial para a sobrevivência do estado russo. Ele estava menos interessado em questões ideológicas ou constitucionais do que em objetivos militares concretos. Kolchak buscou alianças com outros líderes do Movimento Branco (como Denikin, Miller e Yudenich) e com as potências aliadas (Grã-Bretanha, França, EUA, Japão), que lhe forneceram apoio material e reconhecimento limitado. Os generais do sul reconheceram sua supremacia em troca de autonomia operacional em suas respectivas áreas. Sua linguagem era direta, militarista e focada na necessidade de disciplina, ordem e sacrifício pela pátria. Kolchak evitava a retórica ideológica complexa, preferindo apelos diretos à unidade nacional e à luta contra o inimigo comum. Seus pronunciamentos eram frequentemente técnicos e militares, refletindo sua formação naval.

Alexander Guchkov (ex-Ministro da Guerra e da Marinha do Governo Provisório Russo)

Monarquista constitucional convicto, acreditava que a Rússia precisava de uma monarquia forte, mas limitada por uma constituição, para garantir a estabilidade e o progresso. Guchkov era um

político experiente e pragmático que buscava soluções realistas para os problemas da Rússia. Sua ação na abdicação do Czar demonstra uma tentativa de prudência para evitar o pior cenário possível, o da revolução total. Persuadiu Nicolau II a abdicar em favor de seu irmão Mikhail, esperando que isso pudesse preservar a instituição monárquica. Essa estratégia, embora falhasse em seus objetivos imediatos, refletia um cálculo político sofisticado. Em 1918, continuava a defender uma forma de monarquia constitucional, embora a prioridade imediata fosse a derrota dos bolcheviques. Embora fosse um defensor da ordem e da disciplina, especialmente no exército, ele não era um extremista. Sua abordagem era mais de reforma e fortalecimento das instituições existentes do que de repressão brutal. Como Ministro da Guerra no Governo Provisório, tentou restaurar a disciplina militar, mas sem recorrer a medidas draconianas. Como líder dos Octobristas (Partido Constitucional Democrata) e membro da Duma, era um forte defensor do constitucionalismo e da limitação do poder autocrático. Sua visão política era fundamentada na crença de que uma constituição era essencial para modernizar a Rússia e evitar tanto a autocracia quanto a revolução radical.

Guchkov acreditava na necessidade de um governo central forte para manter a unidade do império, mas dentro de um quadro constitucional. Sua experiência como industrial e empresário o convenceu de que a ordem e a eficiência administrativa eram essenciais para o desenvolvimento econômico, ele tinha uma mentalidade prática e focada na eficiência e na modernização do estado e do exército, além de ter sido um dos fundadores da Sociedade de Industriais Russos e estava profundamente envolvido em questões de modernização militar e econômica. Guchkov buscava alianças com outros monarquistas constitucionais, liberais conservadores, industriais e setores do exército que compartilhavam sua visão de uma Rússia forte e modernizada sob um regime constitucional. Ele estava próximo de outros membros do Partido Constitucional Democrata (Kadets) e de figuras como Pavel Miliukov. Sua linguagem era pragmática, focada na necessidade de reformas, disciplina e responsabilidade. Guchkov usava argumentos racionais e econômicos para defender suas posições, apelando para o senso de dever e patriotismo da elite russa, e seus discursos frequentemente enfatizavam a necessidade de modernização e eficiência administrativa.

Boris Savinkov (dirigente antibolchevique e ex-Comissário do Governo Provisório)

Fundamentalmente antimonarquista por princípio ideológico e membro proeminente do Partido Socialista Revolucionário (SR), sua prioridade absoluta era a derrota dos bolcheviques. Estava disposto a formar alianças com qualquer força que compartilhasse esse objetivo, independentemente de suas inclinações monarquistas ou republicanas, o que demonstra um pragmatismo extremo. Fundou a "União para a Defesa da Pátria e da Liberdade" em 1918, uma organização que reunia elementos de diferentes orientações políticas, com o objetivo explícito de derrubar o regime bolchevique por meios militares. Embora fosse tecnicamente um membro do Partido Socialista Revolucionário, que tinha uma ala democrática, sua busca pela derrubada dos bolcheviques muitas vezes o levava a ignorar princípios constitucionais em favor de ações diretas e militares. Sua organização funcionava como uma rede clandestina de conspiradores, não como uma entidade política legítima. Savinkov buscava um grau moderado de centralização para a luta antibolchevique. Embora buscasse uma liderança forte para coordenar as operações contra os bolcheviques, sua organização era mais uma rede de conspiradores do que uma estrutura centralizada de governo. Ele reconhecia a necessidade de coordenação, mas também valorizava a flexibilidade e a autonomia de seus agentes.

Estrategista militar e organizador eficaz de operações clandestinas, sua experiência como revolucionário o havia ensinado a pensar em termos de operações, segurança e coordenação de recursos. Seu principal interesse era a derrubada do regime bolchevique e a restauração de uma Rússia não-comunista, que ele via como a verdadeira pátria russa. Estava disposto a sacrificar princípios ideológicos em nome desse objetivo. Sua visão era a de uma Rússia restaurada sob um governo que respeitasse a liberdade e a dignidade humana, embora ele fosse vago sobre a forma exata que esse governo deveria tomar. Savinkov formou alianças com oficiais militares, outros grupos antibolcheviques e serviços de inteligência estrangeiros (especialmente britânicos e franceses) que estavam interessados em desestabilizar o regime bolchevique. Savinkov mantinha contato com potências aliadas e recebia apoio material delas. Sua linguagem era inflamada, nacionalista e focada na urgência da luta contra os bolcheviques. Savinkov usava uma retórica de sacrifício e heroísmo, apelando para o patriotismo e o ressentimento contra o novo regime e seus escritos frequentemente evocavam imagens de uma Rússia glorificada e de um povo russo capaz de grandes feitos.

Georgii Lvov (ex-Ministro-Presidente do Governo Provisório Russo)

Liberal constitucionalista, embora de origem aristocrática, era convicto e forte defensor da reforma democrática. Aceitou o fim da autocracia e se tornou o primeiro chefe do Governo Provisório após a Revolução de Fevereiro de 1917. Foi escolhido para liderar o governo precisamente porque era visto como alguém que poderia construir um consenso entre as diferentes facções políticas. Sua visão era de uma Rússia democrática e descentralizada, baseada nos princípios dos *zemstvos* (conselhos locais), o que o afastava completamente de qualquer inclinação monarquista restauracionista. Era conhecido por sua moderação e sua tentativa de construir um consenso entre as diversas facções políticas. Ele era um homem bem-intencionado que buscava soluções pacíficas para os conflitos políticos, no entanto, sua prudência era mais uma questão de temperamento do que de estratégia política eficaz. Lvov acreditava firmemente nos princípios do governo constitucional e na importância das instituições democráticas. Sua visão era a de um estado baseado na lei, com proteções para os direitos individuais e participação popular na tomada de decisões. Ele via a Assembleia Constituinte como essencial para a legitimação de qualquer novo governo.

Embora não fosse um tecnocrata no sentido estrito, sua experiência em administração local e seu foco em reformas práticas demonstravam uma abordagem pragmática. Conforme documentado, ele havia sido presidente da União de Zemstvos Russos antes de 1917, uma posição que o familiarizou com questões de administração pública. Seu principal interesse era a transformação da Rússia em uma democracia liberal moderna, com forte autogoverno local e respeito pelos direitos civis. Buscava a estabilidade através da reforma e da participação popular, em vez de através da força ou da imposição de autoridade central. Lvov buscava alianças com liberais moderados, intelectuais e reformistas que compartilhavam sua visão de uma Rússia democrática e descentralizada. Ele também tentou manter a cooperação com os soviets, embora com sucesso limitado. Sua linguagem era conciliatória, moralista e focada nos ideais de liberdade, justiça e autogoverno. Lvov apelava para a consciência cívica e a responsabilidade social dos cidadãos e seus pronunciamentos frequentemente enfatizavam a necessidade de unidade nacional e cooperação voluntária.

Nikolai Avksentiev (Presidente do Governo Provisório Pan-Russo)

Republicano convicto e um líder proeminente da ala direita do Partido Socialista Revolucionário (SR), sua participação ativa no Governo Provisório e, posteriormente, como presidente do Diretório de Ufa (Governo Provisório Pan-Russo), demonstra seu compromisso inabalável com um governo democrático e parlamentar, em oposição a qualquer forma de monarquia. Ele era um dos defensores mais vocais da Assembleia Constituinte como a única fonte legítima de poder na Rússia Revolucionária. Tentou construir uma coalizão ampla de forças antibolcheviques no Diretório de Ufa, buscando um caminho moderado entre a ditadura militar e o extremismo revolucionário e fazer consenso entre diferentes grupos políticos, incluindo SRs, mencheviques e liberais. Avksentiev era um forte defensor da Assembleia Constituinte como a única fonte legítima de poder na Rússia e da construção de um estado democrático baseado em princípios constitucionais. Conforme documentado, o Diretório de Ufa foi estabelecido com o objetivo explícito de convocar a Assembleia Constituinte e submeter-se a ela. Como figura política experiente, possuía habilidades de organização e negociação, essenciais para a formação de governos de coalizão, sendo capaz de navegar as complexidades políticas de diferentes grupos e construir compromissos.

Avksentiev acreditava na possibilidade de uma transição pacífica para a democracia e na importância da cooperação entre diferentes partidos políticos, representava a ala mais moderada e democrática do socialismo russo. Era conhecido por sua integridade pessoal e seu compromisso com os princípios democráticos, mesmo quando isso significava fazer concessões políticas. Avksentiev buscava alianças com outros socialistas revolucionários de direita, mencheviques, liberais e todos aqueles que defendiam a Assembleia Constituinte e um caminho democrático para a Rússia. Conforme documentado, o Diretório de Ufa reunia representantes de diferentes partidos e regiões. Sua linguagem era legalista, democrática e focada nos princípios da soberania popular, da liberdade e da justiça social. Avksentiev apelava para a razão e para a necessidade de construir um estado de direito e seus pronunciamentos frequentemente enfatizavam a importância da Assembleia Constituinte e do governo democrático.

Pavel Miliukov (ex-Ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório Russo)

Monarquista constitucional convicto e líder do Partido Constitucional Democrata (Kadets) no início da Revolução de 1917. Defendia uma monarquia parlamentar como a forma de governo mais adequada para a Rússia, acreditando que ela proporcionaria estabilidade e progresso. Miliukov era um dos principais teóricos do constitucionalismo russo. Em 1918, diante do caos bolchevique, ele chegou a flertar com a ideia de buscar apoio das Potências Centrais (Alemanha) para restaurar a ordem, o que foi visto como uma guinada controversa e pragmática. Era historiador e intelectual, conhecido por sua análise cuidadosa e sua abordagem pragmática da política. Conforme documentado, Miliukov estava disposto a sacrificar princípios ideológicos em nome da sobrevivência da Rússia não-bolchevique. Miliukov era um defensor da ordem e da lei, e se opunha firmemente aos excessos revolucionários, sua postura era de firmeza na defesa dos princípios liberais e constitucionais, mas não era um extremista. Conforme registrado, ele buscava restaurar a ordem através de meios legais e constitucionais, em vez de através da violência ou da ditadura militar.

Miliukov acreditava na necessidade de uma Rússia forte e unida como essencial para sua posição no cenário internacional. Conforme registrado, ele era um defensor da integridade territorial russa e se opunha a qualquer forma de separatismo regional. Como intelectual e diplomata, era um estrategista de política externa e um pensador político com uma forte inclinação para a análise racional e o cálculo de interesses. Conforme documentado, ele era capaz de analisar as complexidades da política internacional e fazer recomendações baseadas em análise fria de interesses nacionais. Seus interesses eram a modernização da Rússia, a manutenção de sua posição no cenário internacional e a construção de um sistema político estável e liberal. Miliukov via a monarquia constitucional como o meio mais eficaz para alcançar esses objetivos, pois combinaria a estabilidade da instituição monárquica com as proteções de um sistema constitucional. Miliukov buscava alianças com outros liberais conservadores, monarquistas constitucionais e setores da elite russa que compartilhavam sua visão de uma Rússia forte e ordenada. Sua linguagem era formal, intelectual e focada na análise histórica e geopolítica. Miliukov usava argumentos racionais e apelava para a razão e o interesse nacional, em vez de emoções e seus escritos frequentemente invocavam precedentes históricos e análises de poder internacional.

Pyotr Vologodsky (Presidente do Conselho de Ministros do Governo Provisório Pan-Russo)

Republicano moderado e regionalista com foco na autonomia da Sibéria dentro de uma Rússia unitária. Como líder do Governo Provisório Siberiano e, posteriormente, Presidente do Conselho Ministerial do Governo Provisório Pan-Russo (Diretório de Ufa), sua atuação estava alinhada com a construção de um estado democrático e federal, sem qualquer inclinação para a restauração monárquica. Jurista e político experiente que acreditava na importância da legalidade e das instituições constitucionais, buscava soluções legais e administrativas para os problemas da Sibéria e da Rússia. Conforme registrado, tentou construir um governo legítimo baseado em princípios constitucionais que pudesse convocar a Assembleia Constituinte, em vez de recorrer a medidas autoritárias ou militares. Embora liderasse governos que buscavam a unidade russa, ele também era um defensor da autonomia regional, especialmente para a Sibéria. Figura chave no movimento regionalista siberiano, buscava uma maior autonomia para a região sem necessariamente se separar da Rússia. Conforme documentado, o Governo Provisório Siberiano proclamou a "Independência da Sibéria" em julho de 1918, embora isso fosse interpretado como autonomia dentro de uma Rússia unitária, não como separatismo.

Era pragmático e acreditava na importância da legalidade e da construção de instituições sólidas para superar o caos revolucionário. Conforme registrado, ele era respeitado por sua integridade pessoal e seu compromisso com os princípios constitucionais. Seus principais interesses eram a estabilidade política, a autonomia regional da Sibéria e a construção de uma Rússia democrática e federal. Vologodsky via a cooperação entre as diferentes regiões como essencial para a sobrevivência do estado russo. Vologodsky buscava alianças com outros regionalistas, liberais moderados (como os Kadets) e socialistas revolucionários de direita que compartilhavam sua visão de uma Russiademokrat e federal. Sua linguagem era legalista, administrativa e focada na necessidade de ordem, legalidade e construção institucional. Vologodsky usava argumentos racionais para defender a autonomia regional e a unidade russa e seus pronunciamentos frequentemente enfatizavam a importância das instituições legais e da administração eficiente.

Vasily Boldyrev (Comandante Supremo das forças do Governo Provisório Pan-Russo)

"General democrata", militar profissional e que aceitava a autoridade civil republicana. Embora tivesse servido no Exército Imperial Russo, sua participação no Diretório de Ufa como Comandante Supremo das forças do Governo Provisório Pan-Russo indica seu compromisso com um governo não-monárquico e democrático. Tentou equilibrar as necessidades militares com as diretrizes políticas do Diretório de Ufa, buscando uma abordagem mais cautelosa na guerra civil. Conforme registrado, ele tentou manter a subordinação do comando militar à autoridade civil, uma posição que o colocava em conflito com Kolchak e outros militares mais autoritários. Como general, demonstrava um grau elevado de endurecimento no contexto militar, era um defensor da disciplina e da eficácia militar. No entanto, sua postura política era mais moderada do que a de outros líderes militares. Conforme documentado, ele buscava manter a disciplina militar sem recorrer a medidas draconianas contra a população civil.

Sua aceitação da autoridade do Diretório de Ufa, que visava a convocação da Assembleia Constituinte, demonstra um compromisso com os princípios constitucionais e o governo civil. Conforme registrado, ele era um dos poucos líderes militares que aceitava a subordinação do poder militar ao poder civil. Seu principal interesse era a organização de uma força militar eficaz para combater os bolcheviques e restaurar a ordem na Rússia sob a autoridade de um governo democrático. Buscava a profissionalização do exército e a vitória militar, mas dentro de um quadro político democrático. Boldyrev buscava alianças com outros oficiais militares moderados, socialistas revolucionários de direita e liberais que apoiavam o Diretório de Ufa e a causa de uma Russiademokrat. Conforme documentado, ele era respeitado por muitos oficiais que compartilhavam sua visão de um exército profissional subordinado ao poder civil. Sua linguagem era a de um militar profissional, focada na disciplina, na estratégia e na necessidade de um comando unificado. No entanto, ele também expressava um compromisso com os ideais democráticos e a autoridade civil e seus pronunciamentos frequentemente enfatizavam a necessidade de coordenação militar e de subordinação ao governo civil legítimo.

Anatoly Pepelyayev (General do Exército Branco)

Anatoly Pepelyayev é um general do Exército Branco atuante na Sibéria, associado às forças antibolcheviques que se reorganizam no leste russo após a revolta da Legião Tchecoslovaca em

1918 e a formação de centros de poder em cidades como Omsk. Formado no exército imperial e com experiência recente na Primeira Guerra Mundial, ele opera em um espaço marcado por distâncias enormes, cenários precários e autoridade fragmentada.

Politicamente, Pepelyayev não se destaca por um alinhamento rígido com projetos monárquicos ou liberais. Sua prioridade está na manutenção do controle territorial e na viabilidade das operações militares, o que o aproxima de lideranças regionais e autoridades emergentes na Sibéria. Em um ambiente influenciado por figuras como Kolchak e pela presença da Legião Tchecoslovaca, tende a favorecer alianças pragmáticas, ainda que isso implique certa distância de debates mais ideológicos sobre o futuro da Rússia.

Anton Denikin (Comandante da Divisão de Infantaria do Exército Voluntário)

Anton Denikin é um dos principais comandantes do Exército Voluntário no sul da Rússia, envolvido diretamente nas campanhas que se desenvolvem a partir da região do Don e do Kuban. Veterano da Primeira Guerra Mundial e próximo das lideranças que organizaram o movimento Branco desde Novocherkassk, Denikin assume papel central na tentativa de transformar forças dispersas em um exército mais estruturado. Sua atuação se dá em um dos contextos mais relevantes da guerra civil, onde a proximidade com áreas agrícolas e centros estratégicos amplia o impacto de suas decisões.

Seu posicionamento político tende ao pragmatismo cauteloso. Denikin evita comprometer-se com a restauração imediata da monarquia, defendendo a ideia de uma “Rússia una e indivisível” cuja forma de governo seria definida posteriormente. Essa postura o aproxima de setores militares, liberais moderados e parte das elites administrativas, ao mesmo tempo em que gera atritos com monarquistas mais firmes e com movimentos regionais que defendem maior autonomia.

Lavr Kornilov (Comandante do Exército Voluntário)

Lavr Kornilov é o comandante do Exército Voluntário e uma das figuras mais associadas à defesa de autoridade forte no contexto da crise russa. Sua trajetória inclui papel central nos acontecimentos de 1917, especialmente no episódio conhecido como o “Caso Kornilov”, o que

reforça sua imagem como defensor de ordem e disciplina frente ao colapso político. No contexto da guerra civil, sua liderança ajuda a definir o caráter inicial das forças brancas no sul.

Politicamente, Kornilov não se apresenta como um monarquista clássico, mas como um defensor de um poder central capaz de restaurar estabilidade. Sua prioridade é a reconstrução da autoridade estatal, ainda que isso implique soluções autoritárias. Essa posição o aproxima de oficiais e setores conservadores, mas tende a dificultar alianças com grupos mais inclinados à negociação ou à construção de arranjos políticos mais amplos.

Mikhail Alekseyev (Chefe político do Exército Voluntário)

Mikhail Alekseyev é uma das principais figuras políticas por trás da formação do Exército Voluntário, tendo desempenhado papel central na articulação inicial do movimento em Novocherkassk ao lado de Kornilov. Ex-chefe do Estado-Maior do exército imperial, sua experiência administrativa e militar o coloca em uma posição distinta, mais voltada à coordenação e à construção de legitimidade do que ao comando direto em campo.

Seu posicionamento político é marcado pela cautela. Alekseyev busca manter o movimento antibolchevique unido em torno de objetivos imediatos, evitando compromissos definitivos sobre a forma de governo. Embora mantenha vínculos com setores monarquistas e com a antiga elite imperial, sua atuação tende a privilegiar alianças amplas, incluindo liberais e oficiais independentes, ainda que isso implique lidar com tensões internas constantes.

Mikhail Diterikhs (General do Exército Branco)

Mikhail Diterikhs é um general do Exército Branco associado às forças antibolcheviques no leste russo, com atuação ligada ao avanço dessas forças após a desestabilização do controle bolchevique na Sibéria. Com formação no exército imperial e participação na Primeira Guerra Mundial, ele se diferencia por uma leitura do conflito que vai além do campo militar, incorporando elementos ideológicos e religiosos.

Seu posicionamento político tende a se alinhar com setores monarquistas e conservadores, especialmente aqueles que interpretam a crise como uma ruptura moral da ordem russa. Essa visão o aproxima de figuras que defendem a restauração de uma autoridade tradicional mais

clara, mas pode limitar sua flexibilidade em alianças, particularmente com grupos mais pragmáticos ou com interesses predominantemente militares.

Nikolai Yudenich (General do Exército Imperial Russo)

Nikolai Yudenich é um general do antigo exército imperial com atuação no noroeste da Rússia, conhecido por seu comando eficaz na frente do Cáucaso durante a Primeira Guerra Mundial, especialmente nas campanhas contra o Império Otomano. Em 1918, ele se posiciona como uma das principais lideranças antibolcheviques na região próxima ao Báltico, com potencial estratégico significativo em relação a Petrogrado.

Seu posicionamento político é relativamente discreto, com ênfase em objetivos militares concretos. Yudenich tende a priorizar eficiência operacional e a construção de forças capazes de avançar sobre centros estratégicos. Isso o torna mais aberto a alianças pragmáticas, incluindo cooperação com potências estrangeiras e coordenação com outras forças brancas, desde que contribuam diretamente para o sucesso de suas campanhas.

Yevgeny Miller (General do Exército Imperial Russo)

Yevgeny Miller é um general do exército imperial atuante no norte da Rússia, especialmente na região de Arkhangelsk, onde a presença de forças britânicas e aliadas começa a influenciar o cenário militar em 1918. Sua experiência administrativa e militar o posiciona como uma liderança importante em uma frente onde o apoio externo se torna um fator relevante para a organização das forças antibolcheviques.

Seu posicionamento político tende ao pragmatismo, com maior disposição para aceitar cooperação internacional como meio de fortalecer sua posição militar. Essa abertura o aproxima de lideranças que veem o envolvimento estrangeiro como necessário, mas também o coloca em uma posição delicada diante de setores que desconfiam da influência externa. Assim, sua atuação é constantemente marcada pela necessidade de equilibrar apoio internacional e legitimidade interna.

Sugestões de Pesquisa Adicional

Aqui estão alguns exemplos de trechos de livros históricos, vídeos, séries e filmes sobre a Revolução Russa e a Guerra Civil, além de artigos sobre a história da Rússia no início do Século XX. Por ser um comitê histórico e de crise, os delegados têm toda a liberdade de alterar a narrativa histórica e incluir novos elementos mesmo que não tenham existido ou acontecido na vida real. Ainda sim, a mesa diretora direciona a pesquisa adicional para que os delegados possam aprender novos conceitos, obter novas referências e construir um panorama ainda mais amplo sobre o contexto do Conselho de Regência Russo, trazendo mais qualidade ao debate e ao desenvolvimento das crises ao longo das sessões.

Podcasts:

- “Spotify – Web Player.” Spotify, 2026, open.spotify.com/episode/7bbFBHEYGU6VSS9YV637Ull. Accessed 25 Apr. 2026. (recorte histórico do comitê até a metade do podcast)
- “História Em Meia Hora 13 – Revolução Russa – História Em Meia Hora.” Historiaemmeiahora.com, 29 Feb. 2020, historiaemmeiahora.com/sem-categoria/historia-em-meia-hora-13-revolucao-russa/. Accessed 25 Apr. 2026.
- “Spotify – Web Player.” Spotify, 2026, open.spotify.com/episode/6h2fKtDyGVim6BWbfhMikk. Accessed 25 Apr. 2026.
- “Spotify – Web Player.” Spotify, 2026, open.spotify.com/episode/77ypOpL9rKhetHpyurYpVo. Accessed 25 Apr. 2026.

Vídeos:

- DGP Mundo. “A Revolução Russa E Suas Consequências.” YouTube, 12 Nov. 2017, www.youtube.com/watch?v=r_1xj0Pyi-8. Accessed 30 July 2025.
- “A Primeira Guerra Mundial - Parte 1.” Www.youtube.com, www.youtube.com/watch?v=eQ7ohLdor5E. (recorte histórico do comitê de 0:00 até 5:58 e de 10:02 até 15:11)

Filme:

- Anastasia (Disney)

Série:

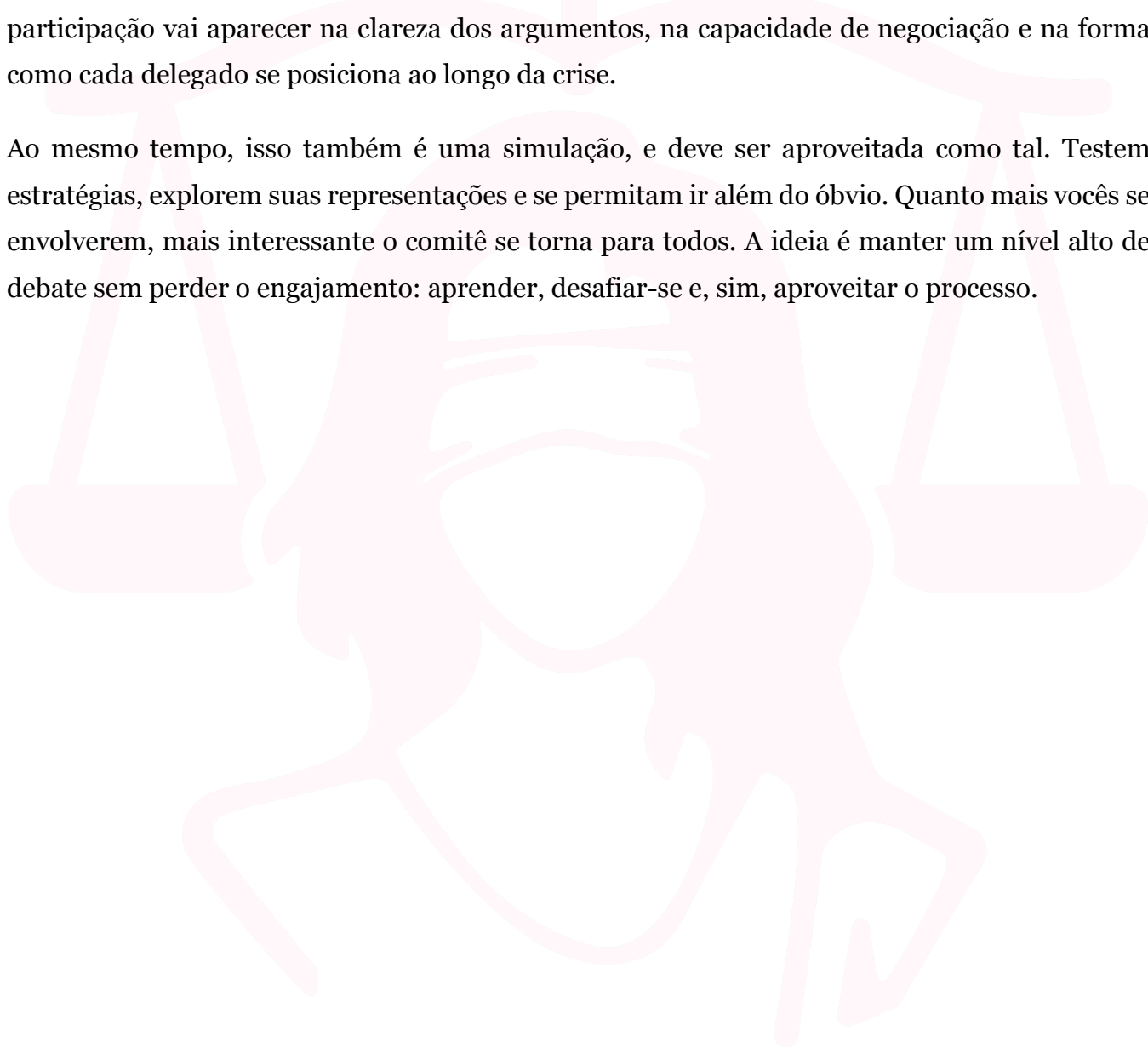
- Os Último Czares (Netflix) - CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE 16 ANOS!



Conclusão

Este comitê exige mais do que conhecer os fatos: esperamos que vocês consigam interpretar o cenário, tomar decisões coerentes e se adaptar a mudanças constantes. Não existe decisão “certa”, mas existem escolhas bem construídas, aquelas que fazem sentido dentro da lógica do seu personagem e que consideram as consequências políticas, militares e sociais. A qualidade da participação vai aparecer na clareza dos argumentos, na capacidade de negociação e na forma como cada delegado se posiciona ao longo da crise.

Ao mesmo tempo, isso também é uma simulação, e deve ser aproveitada como tal. Testem estratégias, explorem suas representações e se permitam ir além do óbvio. Quanto mais vocês se envolverem, mais interessante o comitê se torna para todos. A ideia é manter um nível alto de debate sem perder o engajamento: aprender, desafiar-se e, sim, aproveitar o processo.



Bibliografia

1. BBC (2024). *Tsarist methods of control - state infrastructure - Security of the Tsarist state before 1905 - Higher History Revision*. [online] BBC Bitesize. Available at: <https://www.bbc.co.uk/bitesize/guides/z9qnsbk/revision/3>.
2. Blackson, M. (2024). *LibGuides: Russian History & Culture: Tsarist Russia*. [online] libguides.lib.cwu.edu. Available at: <https://libguides.lib.cwu.edu/c.php?g=676387&p=4773864>.
3. da redação (2022). *A saga da Legião Tchecoslovaca nas frias estepes russas - Aventuras na História*. [online] Aventuras na História. Available at: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/saga-da-legiao-tchecoslovaca-nas-frias-estepes-russas.phtml>.
4. dokumen.pub. (2024). *The Russian Constitutional Experiment; Government And Duma, 1907-1914 0521200415, 9780521200417 - DOKUMEN.PUB*. [online] Available at: <https://dokumen.pub/the-russian-constitutional-experiment-government-and-duma-1907-1914-0521200415-9780521200417.html>.
5. EBSCO Information Services, Inc. | www.ebsco.com. (2023). *Russian Civil War | EBSCO*. [online] Available at: <https://www.ebsco.com/research-starters/history/russian-civil-war>.
6. History.com Editors (2024). *Russian Revolution: Causes, Timeline & Bolsheviks*. [online] History.com. Available at: <https://www.history.com/articles/russian-revolution>.
7. Vogalizando a História. “A EXECUÇÃO DA FAMÍLIA ROMANOV.” YouTube, 24 Aug. 2023, www.youtube.com/watch?v=8OpKc9ZfzE. Accessed 24 Apr. 2026.
8. DGP Mundo. “A Revolução Russa E Suas Consequências.” YouTube, 12 Nov. 2017, www.youtube.com/watch?v=r_1xj0Pyi-8. Accessed 30 July 2025.
9. ---. “AS REVOLUÇÕES RUSSAS || VOGALIZANDO a HISTÓRIA.” YouTube, 15 Oct. 2021, www.youtube.com/watch?v=p5pB5Ws7W8M. Accessed 25 Apr. 2026.
10. Maxim Rubchenko and special to RBTH (2026). *Dispatches from the final days of Tsar Nicholas II*. [online] Russia Beyond. Available at: <https://www.rbth.com//arts/history/2017/03/15/final-days-of-tsar-nicholas-ii-719941>.
11. Pearson, Raymond. “The Russian Moderates and the Crisis of Tsarism 1914 – 1917.” Palgrave Macmillan UK eBooks, 1977, <https://doi.org/10.1007/978-1-349-03385-0>.

Orton, Kyle. "The Russian 'Whites' Were Not Monarchists." *It Can Always Get Worse*, 12 Feb. 2026, www.kyleorton.com/p/the-russian-whites-were-not-monarchists.

Wikipedia contributors. "White Movement." *Wikipedia*, 19 Apr. 2026, en.wikipedia.org/wiki/White_movement.

Григорьевич, Медведев Валентин. *Programs of White Governments on Legal Regulation of State Construction, Economy and Social Relations During the Russian Civil War*. 2020, slh-journal.isu.ru/en/article?id=294.

Silva, Daniel Neves. "Guerra Civil Russa: Motivo E Acontecimentos." *História Do Mundo*, 13 June 2023, www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-russa.htm.